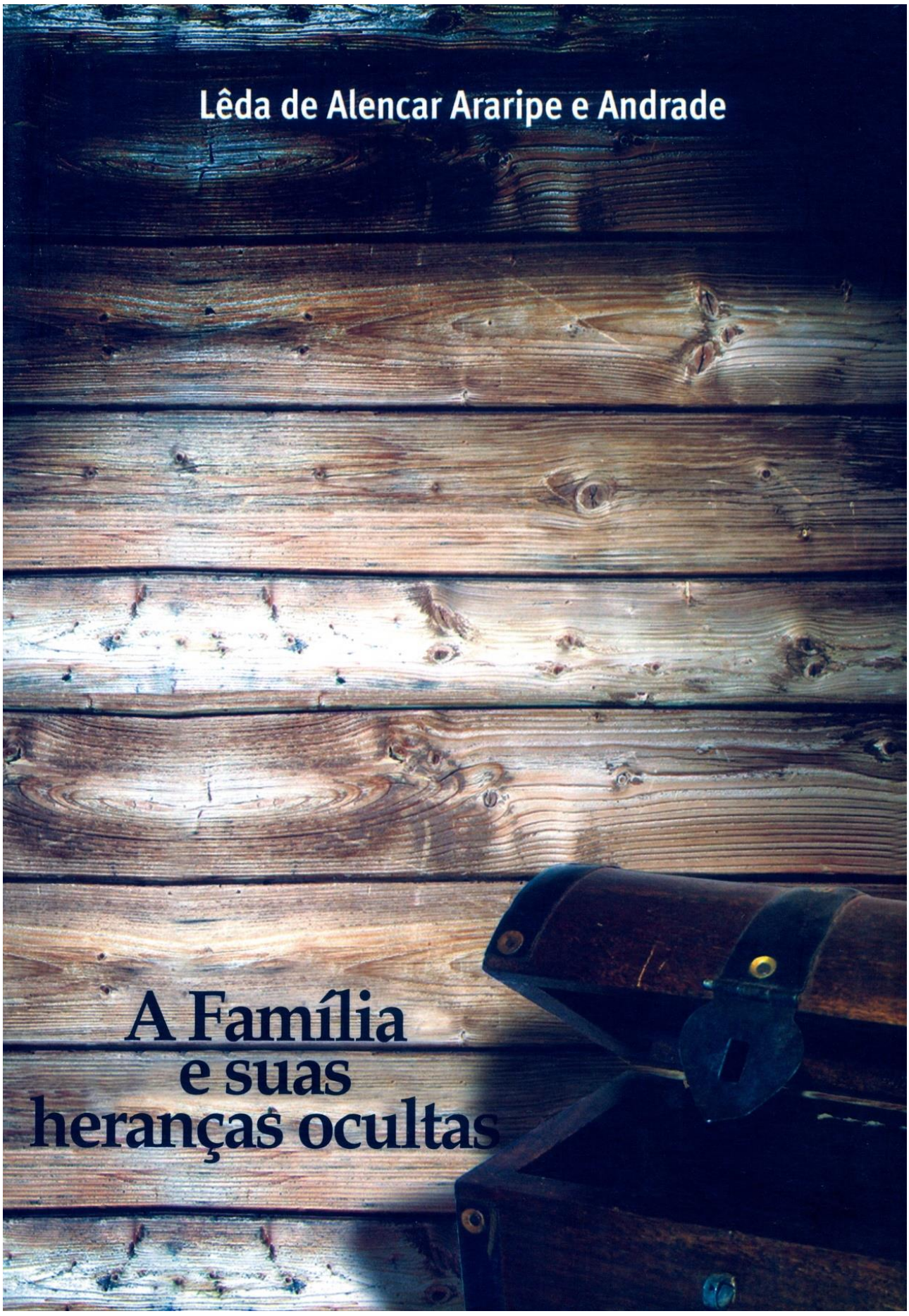
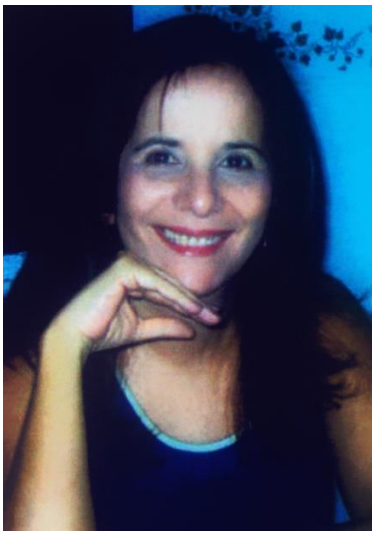
Lêda de Alencar Araripe e Andrade

A Família e suas heranças ocultas



Desconhecemos a poderosa influência dos legados ancestrais em nossas vidas: as heranças ocultas. Nosso destino está fortemente entrelaçado com o dos nossos antepassados, pois os elos consanguíneos são perpétuos, vínculos que não se desfazem com a morte. Minha mãe será sempre minha mãe, meu trisavô será sempre meu trisavô... Santo Agostinho dizia: Os mortos estão invisíveis, mas não ausentes. Os familiares que foram excluídos, injustiçados, substituídos ou tiveram destino trágico parecem manifestar-se na vida dos descendentes por meio de lealdades invisíveis traduzidas pela estranha repetição de acontecimentos, de trajetórias ou de alguma outra maneira. A partir de algumas descobertas e propostas científicas é possível refletir sobre a possibilidade da transmissão de coisas não-materiais de uma geração a outra, independente de crenças religiosas ou espirituais. Ao compreender o que acontece em nossa família saímos da zona de escuridão e desfazemos "nós" atados há trinta, cinquenta ou cem anos atrás e que nos prendem a destinos difíceis. Podemos equilibrar a balança da família, alterar o curso dos acontecimentos e liberar o destino dos descendentes.

Leda de Alencar Araripe e Andrade



A autora

Lêda de Alencar Araripe e Andrade é médica pela Universidade Federal do Ceará e psiquiatra. Psicodramatista pela Federação Brasileira de Psicodrama e Professora Supervisora. Dedica-se ao estudo das questões transgeracionais há mais de doze anos. Atua como psiquiatra clínica e psico- terapeuta há mais de vinte anos. Trabalha com famílias e grupoterapia. Autora do livro Noções de Psicopatologia para Terapeutas: Aspectos da Intervenção Integrativa (Fortaleza, 2002).

Foto da autora: Marcus Braga **Capa e Projeto Gráfico:** Alice Muratore



A FAMÍLIA E SUAS HERANÇAS OCULTAS

Segredos de família, justiça familiar, lealdades invisíveis, filhos substitutos, síndrome de aniversário

Sumário

Uma ilha distante 6

Introdução..... 8

Parte I: Heranças ocultas na família.....11

1. o fator transgeracional: breve histórico12
2. A família como sistema 13
3. Co-inconsciente familiar transgeracional17

Parte II: Lealdade familiar invisível.....23

4. Segredos em família.....28
5. Síndrome de aniversário.....32
6. Neurose de classe.....36

Parte III: Justiça familiar.....39

7. Contabilidade familiar 40
8. Parentificação 41
9. Os excluídos 42
10. A maldição dos Kennedy 44
11. Filhos substitutos 46

Parte IV: Árvores e constelações.....49

12. Genograma e suas variações 50

Luana de Alencar Araripe e Andrade

13. Constelação familiar.....55

Bibliografia..... 63

Dedico este livro com amor e reverência
Aos meus antepassados,
Especialmente aos que tiveram destinos difíceis...
Meus tios-avós Elisiário e Maroquinha,
Meus tios, filhos de Teté, Maria do Céu, Luís e Ossian.
A Francisco Augusto Braga Neto

Para Sashi, Tiago e Marcus, sempre



Agradecimentos

Nos últimos doze anos em que tenho me dedicado ao estudo das questões familiares transgeracionais e suas heranças ocultas algumas pessoas têm compartilhado este interesse comigo, estudando, participando de grupos de debate ou sendo simplesmente curiosas.

Devo agradecer:

À minha família, particularmente minha avó Teté, madrinha Neidja e a todos que despertaram minha curiosidade e contribuíram com fascinantes histórias e preciosas informações sobre meus antepassados.

Ao meu Grupo-das-Quartas-feiras, formado por terapeutas que há vários anos se encontram para estudar, pesquisar e estimular umas às outras: Luana Andrade, Elisa Penaforte, So- raya Macedo (obrigada pelo título do livro), Aldenise Rodrigues, Andréa Palácio, Célia Eugenia Nóbrega e Regina Araújo.

À todos aqueles que procuram minha ajuda profissional e que com sua confiança me instigam a pesquisar mais.

E, principalmente:

Ao meu pai, pelas ilhas...

À minha mãe, pelo continente...

Postulamos a existência de uma alma coletiva (...) e que um sentimento se transmitia de geração em geração, ligando-se a uma falta (de que) os homens não têm mais a menor lembrança.

Sigmund Freud

Honrar pai e mãe.

Quarto mandamento

Uma ilha distante...

Meu primeiro contato com as questões transgeracionais ou heranças familiares ocultas aconteceu no ano de 1995, durante o XII Congresso Internacional de Psicoterapia de Grupo, em Buenos Aires, quando participei de um *workshop* de dois dias dirigido por Anne Ancelin Schutzemberger, psicoterapeuta francesa e professora emérita da Universidade de Nice, pesquisadora do tema. Como psiquiatra e psicoterapeuta foi um impacto. Fui apresentada a questões inteiramente novas, a uma nova linguagem, uma nova maneira de pensar a vida, a família e o destino.

Eu estava atônita. Ela falava sobre lealdades invisíveis na família, repetição de destinos dos antepassados, pagar suas dívidas, justiça familiar, segredos que podem adoecer gerações, pessoas da mesma família que morrem, nascem, casam, enlouquecem nas mesmas datas. Que dívidas são estas e que justiça familiar é esta? O que é lealdade invisível?

A porta de um universo inteiramente novo abria-se para mim e eu precisava explorá-lo sem demora. Ao retornar para o Brasil, comecei a estudar o assunto, pesquisar, procurar bibliografia de outros países, já que no Brasil nada havia sido escrito sobre o tema na época. Comecei até a traduzir do francês o livro de Anne Ancelin, *Aïe, mês aïeux,* que ainda não tinha versão em português. Quando estava na metade da tradução,

o livro foi publicado em português com o título Meus Antepassados. Estive novamente com a autora em 1997, em Paris, quando ela orientou melhor a bibliografia a ser pesquisada.

O tema era fascinante e assustador, águas profundas, insondáveis. Quanto mais me informava e me familiarizava com o assunto, mais me dava conta de que era muito denso. Comecei a compreender que pouca coisa na vida está sob nosso controle, que temos conexões poderosas com nossos antepassados, que eles influenciam nossos destinos de forma inexorável e que caminhamos nem sempre para onde desejamos, mas para onde nos empurram forças que desconhecemos por completo. Quando enfim percebi que não temos tanto controle sobre nossas vidas quanto acreditamos ter, pensei: estamos à deriva. Vivemos à deriva.

Durante algum tempo fiquei assustada com a magnitude deste aparente desamparo existencial, porém a curiosidade e o pragmatismo inerentes à minha formação médica me fizeram pensar em como lançar mão destas informações para ajudar as pessoas e a mim mesma. A questão era: o que fazer com tudo isto?

Inicialmente olhei para trás, para minha trajetória de vida e a dos que me rodeiam e pude observar que determinadas ocorrências da minha história, da história dos meus pais e dos meus filhos, anteriormente inexplicáveis, passaram a fazer sentido quando analisadas sob a ótica do fator transgeracional. Fui percebendo gradativamente que estamos todos submetidos a pressões intrafamiliares e transgeracionais desconhecidas e aparentemente descontroladas. Permaneceu a questão: o que fazer?

Certo dia, conversando com minha colega e amiga, Elisa Penaforte, sobre os processos familiares inconscientes, me dei conta de que cada um dos meus três filhos, na vida adulta, se encaminhou para morar em alguma ilha distante. O mais velho foi para residência

médica numa cidade localizada em uma ilha da costa norte-americana; o do meio foi com a esposa e o filho para Nova Zelândia, outra ilha, onde o mais velho e ele mesmo já haviam morado; o caçula está sempre na ilha de Fernando de Noronha, onde conseguiu um emprego de mergulhador durante as férias da faculdade. São três eventos da mesma natureza, não pode ser considerada mera coincidência. Uma sincronicidade? Carl Gustav Jung (1875-1961), psiquiatra suíço, descreveu um fenômeno denominado *sincronicidade* em que as aparentes coincidências dos eventos não são aleatórias, mas refletem um padrão com significado oculto. Qual padrão?

Lembro dos alegres almoços em casa durante minha infância e adolescência, com meus pais e cinco irmãos e irmãs à mesa. Meu pai falava constantemente, meio sério, meio de brincadeira, sobre seu sonho de morar em alguma ilha paradisíaca do Oceano Pacífico, longe de tudo, levando uma vida natural, pescando e caçando como um índio, feliz e livre das chatices e preocupações do cotidiano. Ele estava sempre trazendo este assunto à baila e costumávamos brincar a respeito. Comentávamos o livro Histórias dos Mares do Sul[1] sobre contos maravilhosos que se passavam naquelas ilhas e suspirávamos saudosos de um mundo encantado e nunca conhecido. Eu mergulhava no seu sonho e fantasiava sobre a tal ilha, onde também queria viver, pescar, nadar e caminhar nas suas areias brancas.

O tempo passou e na vida adulta esqueci o assunto. Depois que meus filhos nasceram nunca mais me referi à ilha de meu pai. Guardei para sempre a lembrança do seu sonho impossível tatuada em minha alma e arquivei aquele desejo forte compartilhado e não realizado. Meus filhos cresceram e anos depois - que coisa surpreendente! - vejo o sonho de meu pai realizar-se através deles, que de nada sabiam. Cada um se dirigiu sem qualquer combinação prévia para uma ilha distante. Dois foram para ilhas no Oceano Pacífico. Um deles chegou mesmo a conhecer boa parte daquelas ilhas paradisíacas. As ilhas de meu pai...

Como pode acontecer esta comunhão de destinos idealizados e desejos jamais expressados? Um pensamento forte ou uma vontade intensa podem cruzar o tempo e mobilizar pessoas desta ou de outra geração?

Minha hipótese é que meus filhos captaram de alguma maneira misteriosa este desejo de mar, de ilha, de lugar longínquo, e concretizaram o que as duas gerações anteriores ansiaram e não realizaram. Eles, *lealmente,* cumpriram a vontade de seus antepassados como se dissessem com suas ações: "Faremos em seu lugar, avô"; ou "Iremos nós, para que nossa mãe, sua filha, também possa ir, avô".

Lealmente? Sim, existem lealdades ocultas no seio das famílias. Boas e más. Este é um exemplo de lealdade boa, mas o que fazer quando se trata de algo trágico, perigoso, fatal? Atendi no consultório sobreviventes de uma família em que o pai e dois filhos morreram na véspera de Natal *em três anos subsequentes, de causas diferentes, inclusive desastre de carro.* O que fazer para proteger o terceiro filho?[2]

Questões como esta me preocuparam longamente. Eu acreditava que apenas tomar consciência da situação não era suficiente para desfazer os *nós* que prendiam pessoas a destinos difíceis. Foi então que em 2003 conheci a técnica da Constelação Familiar[3], de Bert Hellinger, psicoterapeuta alemão. Finalmente, uma luz. Não uma luzinha tênue no fim do túnel, mas um clarão iluminando as zonas de sombras e o caminho das soluções.

Hellinger vem trabalhando em diversos países há cerca de quarenta anos tanto

1 Do escritor inglês Somerset Maughan.

2 Todos os casos relatados neste livro são verídicos. Os nomes foram trocados.

3 Esta técnica será descrita em capítulo posterior.

questões transgeracionais como outras para as quais eu não via saída. Foi então que me enchi de esperança e mergulhei mais fundo.



Introdução

Todos nós fazemos parte de uma teia de relações interpessoais cujo princípio perde-se na trilha da História. Nossa família tem origens remotas e nem sempre sabemos de onde viemos, o que é aquisição nossa ou um traço familiar herdado que atravessa gerações e nos alcança hoje. Folheando o velho álbum de retratos da vovó notamos que o pequeno João assemelha-se ao trisavô, que os olhos de Isabel parecem com os da tia-avó Mariinha e que Ana nasceu loira e completamente diferente dos irmãos, embora parecida com um antepassado distante. Já Carlos possui desde pequeno uma surpreendente habilidade para marcenaria assim como o avô materno, e Luísa tem um espírito aventureiro como seu bisavô.

Em muitas famílias a profissão se repete geração após geração com um número considerável de cabeleireiros, políticos, carpinteiros, militares, médicos, cozinheiros. Há falências e quebras financeiras igualmente repetidas em várias gerações e que coincidem com a data de morte de um parente querido. Em outras famílias muitos morrem de câncer ou se suicidam. É a genética, dizem.

Numa determinada família quase todos os casamentos são realizados no mês de novembro, as mulheres têm o mesmo número de filhos homens e o primogênito sempre morre ainda bebê. Isto acontece há três gerações. Numa outra, depois do suicídio do pai, um filho teve câncer, outro sofreu um sério acidente de carro e a filha tentou o suicídio na mesma idade que o pai, quando sua própria filha tinha a mesma idade que ela quando o pai morrera. E a filha da filha tem medo. E estranho, sim, porém muito mais frequente do que imaginamos.

Não tenho a pretensão de explicar os fenômenos que passo a descrever. Estão sendo estudados, pesquisados e registrados em diversas partes do mundo há mais de quarenta anos. Também não utilizo nem defendo aqui conceitos referentes a crenças de natureza religiosa ou espiritual.

Um objetivo deste livro é despertar o interesse do leitor pelos mistérios do funcionamento das famílias, focalizar a influência dos ancestrais e o impacto das heranças ocultas na vida de cada um. Além disso, procuro descrever alguns fenômenos que traduzem esta influência e chamar sua atenção para os prejuízos causados pelos segredos e injustiças no seio da família e para a possibilidade das reparações que salvam.

Outro objetivo é alertar os psicoterapeutas para a influência dos ancestrais no destino dos seus pacientes a fim de que possam considerar a inclusão deste item nas suas investigações diagnosticas e nos projetos terapêuticos.

Vivemos numa inconsciência às vezes nociva a respeito de quem realmente somos, de onde viemos, para onde caminhamos e do que nos acontece. Somos, como família, parte de um sistema em processo evolutivo contínuo que vem de longe no tempo e que segue tecendo uma rede invisível de relações em que passado, presente e futuro não existem como

os concebemos, mas estão em permanente interação, carreando informações, transmitindo para as gerações posteriores, não apenas a bagagem genética, mas também os débitos, os créditos e as lealdades das gerações anteriores, em busca de equilíbrio, de ordem e da manutenção de sua existência. Nesta rede familiar nosso destino está firmemente entrelaçado com o destino dos nossos ancestrais, pois os elos consanguíneos são perpétuos e não se desfazem com a morte. Minha mãe será sempre minha mãe, esteja viva ou morta. Meu trisavô sempre será meu trisavô; a morte não muda o vínculo e a influência dos antepassados permanece. Santo Agostinho dizia: *Os mortos estão invisíveis, mas não ausentes. Os* fatos do passado repercutem no presente. Os esquecidos, os injustiçados, os que foram substituídos, os que tiveram destino trágico parecem manifestar-se de alguma maneira. O sistema familiar requer reparação e reorganização, pois não aceita a exclusão de ninguém. Os excluídos se fazem lembrar por meio de acontecimentos familiares repetitivos, de histórias e de destinos reproduzidos, de bloqueios incompreensíveis verificados em certas coincidências de dinâmicas, de nomes e de datas na família: nascimentos, casamentos, mortes, acidentes, etc.

Ficamos às vezes estarrecidos com súbitas alterações de comportamentos de parentes queridos, com decisões intempestivas, suicídios inexplicáveis, desvios de carreira, separações inesperadas. Nem sempre a psicodinâmica individual ou do grupo familiar de origem são suficientes para explicar certas situações. A explicação pode estar no passado, numa geração anterior (às vezes muito anterior), numa injustiça cometida contra um antepassado, numa lealdade assumida ou numa reparação necessária. Pode estar numa história da qual não participamos diretamente, mas que nos atinge porque somos parte deste Todo que é nossa família.

Todo terapeuta já passou pela frustrante experiência de "patinação" em psicoterapia, ou seja, quando o processo terapêutico estanca, não avança e não se consegue atinar a razão, excluídas as óbvias. Quando o bloqueio acontece devido às questões relacionadas com antepassados e seus legados não- materiais as terapias patinam e emperram. As supervisões esbarram em portas fechadas e às vezes a solução encontrada para o caso supervisionado atende apenas às necessidades do terapeuta e do supervisor, enquanto a verdadeira dificuldade do indivíduo permanece oculta, um mistério inexplicável que o espreita através das gerações.

Ao compreender o que acontece tiramos a venda dos olhos da alma, paramos de tatear a esmo, desfazemos "nós" invisíveis atados há trinta, cinquenta ou cem anos atrás e alteramos o curso dos acontecimentos. Quando trazemos à luz uma questão transgeracional e a esclarecemos, temos mais possibilidade de reparar injustiças sofridas por parentes há muito enterrados, mas presentes nas repetições de destinos dos descendentes. Podemos apenas homenagear um antepassado excluído, incluí-lo no grupo e reorganizar a estrutura familiar em que ele não podia se encaixar. Podemos, enfim, redescobrir o sentido da lealdade para com o grupo familiar e trazer um pouco de paz para nós mesmos e para as gerações vindouras.

Procuro traçar um caminho que facilite a compreensão do extraordinário poder das heranças emocionais invisíveis no nosso destino. É disto que trata este livro.

Na primeira parte apresento um resumo da história da terapia familiar, enfatizando os pesquisadores que primeiro abordaram o tema das heranças ocultas; recorro à biologia para traçar um paralelo entre sistema vivo e sistema familiar e às suas leis e motivações que, *a meu ver,* aparentemente regem ambos; discorro sobre algumas descobertas e propostas científicas buscando levar o leitor a refletir sobre a possibilidade da transmissão de coisas

não-materiais de uma geração a outra, do ponto de vista da Ciência.

A segunda parte trata das lealdades invisíveis na família, conceito descrito de forma magistral por Ivan Boszormenyi- Nagy, psicanalista húngaro radicado nos Estados Unidos, em seu livro *Invisible Loyalties*[4], lançado em 1983. Falo sobre o impacto dos segredos na família: os não-ditos, os impensáveis e as criptas. Abordo a Síndrome de Aniversário que é a repetição periódica de determinados eventos familiares, procuro chamar a atenção leitor para os períodos de vulnerabilidade das famílias e lanço mão de exemplos da História para ilustrar o fenômeno. Apresento uma questão pouco explorada, a Neurose de Classe, outra forma de lealdade familiar.

Na terceira parte discuto a concepção de justiça familiar e o grande livro virtual de contas que cada família utiliza para equilibrar sua balança de débitos e créditos; enfatizo questões como parentificação e exclusão de membros da família e exemplifico este último assunto com alguns dados da história da família Kennedy. Falo sobre Filhos Substitutos, sobre as perdas que influenciam o clima emocional da família por ocasião do nascimento das crianças e suas consequências no desenvolvimento da identidade do indivíduo.

A quarta e última parte, Arvores e Constelações, trata dos recursos para intervir em questões que envolvem as heranças ocultas e suas repercussões nos indivíduos e suas famílias. O estudo da árvore genealógica e suas variantes, Genograma, Genossociograma e Genoprofissiograma, foi descrito por Luana de Alencar Araripe Andrade[5] que os apresenta como valiosos instrumentos de pesquisa da história familiar e mostra como elaborá-los e utilizá-los. Ela discorre sobre a importância de cada pessoa ter acesso às informações relevantes sobre sua família por meio destes instrumentos. A parte final deste livro é dedicada ao tema da Constelação Familiar, de Bert Hellinger. Depois de expor as principais questões transgeracionais *defendo uma hipótese que cada vez mais acredito ser viável:* os segredos de família, as lealdades invisíveis, as dívidas familiares, e outras questões desta natureza e igualmente difíceis podem ser solucionadas por meio desta técnica. Apresento-a passo a passo, enfatizo sua profundidade de alcance, bem como seu poder de reorganização da vida e de libertação para o indivíduo submetido às pressões sistêmicas.

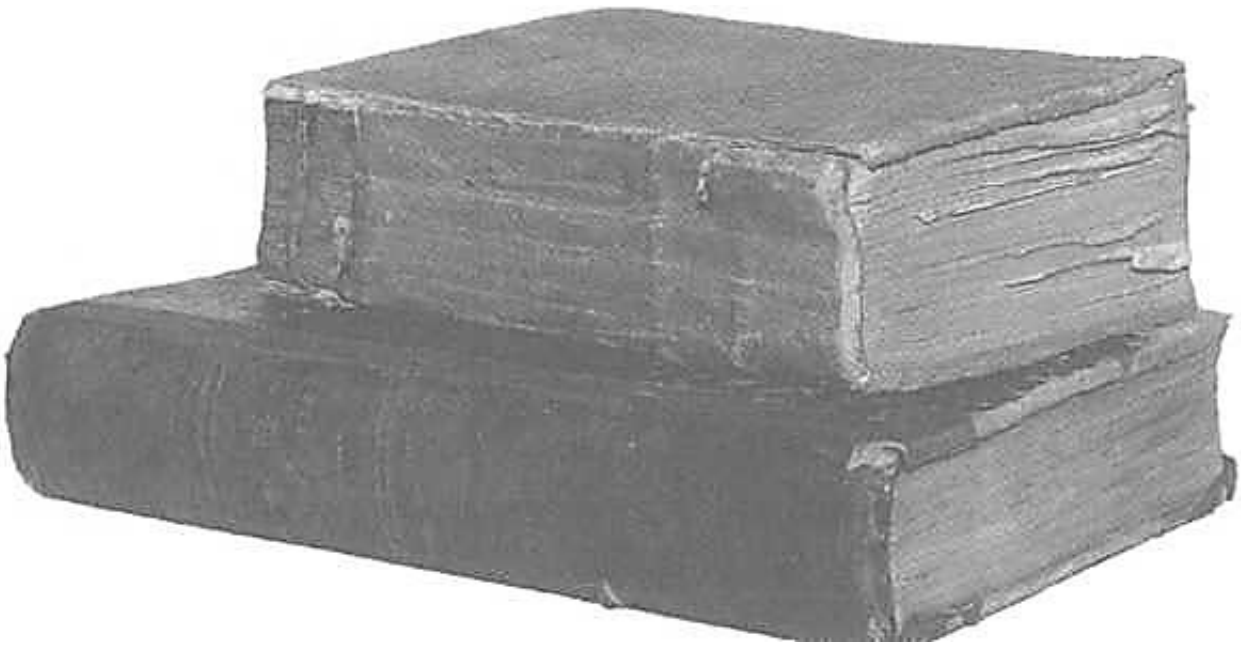
4 Lealdades Invisíveis.

5 Psicóloga, psicodramatista pela Federação Brasileira de Psicodrama - FEBRAP, Terapeuta de adultos e adolescentes e especialista em Terapia Familiar Sistêmica pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR.

Heranças ocultas na família

Nada posso lhes dizer sobre céu e inferno, punição e recompensa. Digo apenas que continuem vasculhando o passado para que ele não pese sobre sua cabeça.

Osho



1. O fator transgeracional: breve histórico

Somos todos uma mistura de nossos pais e mães. Eles estão nos nossos genes, no aprendizado pela convivência e pelas ausências, nos modelos reproduzidos e na partilha da história familiar.

A família começou a ser alvo de investigação clínica em meados de 1930, quando Nathan Ackermann escreveu sobre dinâmica familiar e propôs a terapia familiar como uma maneira de restaurar o equilíbrio do grupo, tirando o foco do indivíduo como cliente. No início dos anos cinquenta, Gregory Bateson, antropólogo americano, fez pesquisas na Califórnia sobre a relação entre comunicação familiar disfuncional e esquizofrenia, e Murray Bowen fez o mesmo no Kansas, propondo que são necessárias três gerações para o processo de desenvolvimento daquele transtorno.

Estes e outros estudiosos das dinâmicas familiares concentraram seus esforços e suas pesquisas em questões como estruturação familiar e comunicação patológica como fatores preponderantes na eclosão dos desequilíbrios psicodinâmicos nas famílias. Tais desequilíbrios fazem surgir os protagonistas ou pacientes identificados, que são aquelas pessoas que apresentam severos transtornos mentais. A comunicação patológica na família pode manifestar-se como duplo vínculo[6] e cisma familiar[7], alianças incestuosas e relacionamentos oblíquos[8], dentre outras formas. Geralmente a principal resultante destes padrões comunicacionais disfuncionais é a exclusão de um membro do grupo familiar por outros. Quando as dinâmicas familiares são disfuncionais alguém foi ou será excluído. No duplo vínculo a criança é excluída por um dos pais, qualquer que seja a escolha feita na situação paradoxal estabelecida; na situação de cisma um dos pais é excluído pela díade formada pelo cônjuge e o filho ou a filha com quem está pactuado; nos relacionamentos oblíquos a criança é continuamente excluída por um dos pais que lhe impõe seu poder de forma cruel e competitiva. Esta criança será o futuro protagonista do grupo familiar, seu porta-voz. É aquele que vai expor as dificuldades ocultas, assumir como suas as dívidas[9], as emoções represadas no grupo e as angústias relacionadas com temas proibidos, e por esta razão será excluído da família. Expulsa-se o diferente, o que incomoda, o que envergonha, o que assusta.

Hellinger, na década de setenta já falava sobre o peso da exclusão e suas consequências e já utilizava a técnica da Constelação Familiar para restabelecer a harmonia nos sistemas familiares desorganizados. Ele trabalha com esta técnica até hoje, inclui os antepassados no processo e reabilita conceitos como humildade, misericórdia, bênção dos pais, compaixão, compensação e reconciliação para obter os resultados desejados. Também recorre aos conceitos de fractal, sistema de rede, campos morfogenéticos e transmissão de energia à

---

6 *Duplo vínculo*: na década de 50, Gregory Bateson descreve o *double bind*, uma situação em que a criança é frequentemente colocada diante da escolha entre duas alternativas antagônicas e insuportáveis, gerando uma situação paradoxal (Exemplo: 'se eu contar para a mamãe, estarei traindo o papai; se eu não contar, estarei traindo a mamãe').

7 *Cisma familiar:* conceito de Theodore Lidz (1911-2001) para descrever uma situação na família, em que um dos pais desenvolve excessiva proximidade com o filho do sexo oposto, com o objetivo de maltratar o cônjuge.

8 *Relacionamento oblíquo:* situação familiar '...em que existe luta pelo poder na relação, e um dos pais é sempre vencedor'. (Andrade, 2002).

9 Aqui o conceito de *dívida familiar* está relacionado com questões transgeracionais, abordadas mais adiante.

distância (semelhante ao conceito de *tele*[10], de Moreno) para tentar compreender o que acontece nas famílias.

Joséphine Hilgard, médica francesa, em meados do século XX, interessada pelas estranhas repetições de eventos e datas nas famílias, publicou em 1954 a maior pesquisa já realizada sobre o que denominou Síndrome de Aniversário. São repetições de nascimentos, acidentes, mortes, internações, casamentos em números tais que não podem ser considerados coincidências devido ao peso das estatísticas levantadas. A importância desta descoberta fortalece a hipótese da transmissão de algo *não-material* que acontece nas famílias, passando de geração a geração. A partir de 1991, Schutzemberger deu seguimento às pesquisas sobre o tema de forma mais abrangente e atualmente conta com centenas de casos registrados e alguns livros publicados sobre o assunto.

Ivan Boszormenyi-Nagy, foi o grande introdutor do conceito de lealdade no trabalho psicoterapêutico com famílias. Ele enfatizou a importância das lealdades invisíveis, da repetição transgeracional de segredos, profissões e até mesmo de emoções fortes nas famílias, enquanto Hellinger nesta mesma época postulava que os antepassados transmitem não apenas sua bagagem genética, mas suas próprias vidas e destinos, e nós fazemos o mesmo com nossos descendentes.

Já Elizabeth Kübler-Ross, psiquiatra suíça que ficou mundialmente conhecida por seu trabalho e pesquisas com milhares de pessoas à beira da morte, adultos e crianças, concluiu que a morte não existe realmente. Sobre este tema ela diz o seguinte:

> Dizemos que uma pessoa é como o casulo de uma borboleta. O casulo é o que ela vê no espelho. É apenas uma morada temporária do seu *eu* real. Quando esse casulo fica irrecuperavelmente danificado, a pessoa morre, e o que acontece é que o casulo, constituído de energia física vai - simbolicamente falando - libertar a borboleta.[11]

A morte, nesta abordagem, de maneira alguma significa deixar de existir e ficar fora do sistema familiar. Os mortos permanecem na família e o alcance da bondade, da compaixão, da injustiça, das ações nefastas, dos segredos e das intensas emoções represadas no passado é longo.

Somos originários de um caldo elaborado não apenas com elementos biogenéticos, psicoemocionais e socio-ambientais, mas também transgeracionais, e fazemos parte deste sistema interativo que é nossa família e que inclui todos os seus membros, vivos e mortos.

Estudiosos e pesquisadores das questões psicogenealógicas escrevem há mais de quarenta anos sobre fatos que se repetem nas famílias ao longo de séculos e vínculos que atravessam gerações. Podemos concluir que a sombra dos nossos ancestrais é bem maior do que imaginávamos.

2. A família como sistema

A família é nosso primeiro contexto social, fundamental para nossa sobrevivência e o melhor lugar para nos abrigar, cuidar, proteger, educar e nos conferir identidade. É nela

10 *Tele*, conceito de *Jacob Levy Moreno* (1889-1974), psiquiatra romeno, criador da psicoterapia de grupo e do psicodrama. Do grego, significa influência a distancia.

11 Klüber-Ross, 2003.

que nos desenvolvemos emocionalmente e estruturamos nossa personalidade. A família é um subsistema social que funciona como o mais conservador dentre os sistemas de relações. É um microssistema que apresenta características e comportamento semelhantes aos dos sistemas vivos e os mesmos critérios e motivações podem ser aplicadas a ele. Para compreendermos o funcionamento do sistema familiar sob esta ótica vamos observar o conceito de sistema vivo de acordo com Capra[12], considerado um porta-voz das principais descobertas científicas dos últimos tempos.

Segundo ele, os sistemas vivos obedecem a três critérios fundamentais *que estão estreitamente relacionados e entrelaçados de tal maneira que se torna difícil definir cada um separadamente.* Na verdade, são aspectos de um todo e o definem:

1º Padrão de organização, que é a configuração das relações entre os componentes do sistema.

2º Estrutura: o sistema, através da organização dos seus elementos e da composição química, resulta numa forma peculiar àquele padrão de organização, que é sua estrutura.

3º Processo vital, que consiste na atividade incessante da incorporação do padrão de organização; é o processo em si.[13]

A família parece funcionar como um organismo vivo e as leis da vida podem ser aplicadas a ela. Quando se considera a família sob este prisma é mais fácil compreender os intrincados fenômenos das dinâmicas familiares. Senão, vejamos.

Cada família possui seu próprio *padrão de organização* que é a configuração das relações entre seus membros, suas alianças, lideranças e fronteiras estabelecidas, a hierarquização dos papéis assumidos e designados, sua maneira de reagir às mudanças, às crises, aos eventos e sua capacidade de se reorganizar continuamente.

Sua *estrutura* é o resultado da moldagem do agrupamento de indivíduos que compõem a família formando uma escultura que foi e continua sendo definida pelo padrão de organização.

O *processo vital* no sistema familiar consiste na interação e incorporação das emoções, do comportamento, da história, das percepções envolvidas no incessante movimento do padrão de organização do sistema. Trata-se do próprio processo que se desenvolve: como a família evolui e o que incorpora à medida que se modifica estruturalmente, pelas entradas e saídas (nascimentos, casamentos, separações e mortes), pela passagem dos ciclos da vida, pelos acontecimentos que promovem estas modificações.

Como os demais sistemas, este também é regido por leis:

- A família sofre influência do meio. Desde as situações mais simples, como entrada e saída de novos membros, até grandes acontecimentos nacionais e mundiais, como crises políticas, sócio-econômicas e guerras, todas as mudanças externas implicam em mudanças internas, uma vez que geram impacto no grupo familiar, em diferentes graus.
- A família tem objetivos a atingir. O principal objetivo e o mais inconsciente é garantir sua perpetuação, o que significa lutar pela existência.
- A família possui energia própria que direciona seus movimentos e consiste nas

[12] . Fritjof Capra (1939 -), físico austríaco, autor de livros como o Tao da Física, O Ponto de Mutação, As conexões Ocultas, dentre outros.
[13] Capra, 1996.

motivações que impulsionam o grupo para este ou aquele destino e está além de cada indivíduo.

- O grupo familiar organiza-se de forma a atingir seus objetivos e ao mesmo tempo é controlado por eles.

Cada família se organiza do seu jeito e desenvolve sua própria dinâmica de distribuição dos papéis necessários ao desenvolvimento do comportamento dos seus membros. Então cada família tem o provedor, o complicado, o bem sucedido, a estudiosa, a bonita, o prestativo, o doente, dentre outros papéis observáveis neste nível de profundidade. Em outro nível estão os papéis ocultos, como o líder afetivo, o membro mais leal, o bode expiatório, o porta-voz, o conciliador, o vingador. Estes papéis interagem, invertem, modificam-se ou desaparecem de acordo com a necessidade do grupo.

A auto-organização e a dinâmica têm reflexos imediatos na homeostase do grupo familiar e reflexos posteriores na sociedade como um todo. Por exemplo, numa família em que um dos membros apresenta comportamento desviante ou criminoso, outro membro faz o contraponto, assumindo o papel de moralista, ou se dirige para uma profissão relacionada à lei e à justiça (policial, advogado, juiz). Desta maneira o equilíbrio - o que quer que signifique equilíbrio para cada família - é mantido. O papel desempenhado por um membro condiciona os papéis dos demais e as relações familiares são governadas de forma inconsciente por regras nem sempre explicitadas.

A estruturação motivacional básica dos sistemas familiares ocorre através de ritos, de códigos e de hierarquias de obrigações. Os ritos são as ações e tradições do grupo apreendidas inconscientemente e caracterizam a maneira como se manifestam as relações de uma família e seu padrão de funcionamento. São condutas e reações tais como sacrifício, traição, incesto, defesa da honra, vingança, escolha de bode expiatório, a forma de cuidar dos doentes, de lidar com aniversários, o costume de fazer testamentos (e quem se beneficia neles), quem fica com as relíquias familiares. Os códigos familiares, históricos e genéticos, determinam o equilíbrio de méritos, vantagens, obrigações e responsabilidades. Os códigos regulam a hierarquia de obrigações e a balança da justiça e injustiça nas famílias. A observação estrita da hierarquia de obrigações nas famílias lhes confere sustentáculo e equilíbrio.

A hierarquia é simples: em primeiro lugar estão os pais desempenhando seus papéis parentais como provedores, líderes, cuidadores, educadores. Em seguida vêm os filhos, com o primogênito ou primogênita em primeiro lugar, seguido pelos demais irmãos por ordem de idade, inclusive os filhos falecidos. O caçula deve respeito a todos e em troca é o mais protegido. Os pais são maiores e os filhos, menores. "Os pais dão, os filhos tomam. Os pais são grandes, superiores e ricos; os filhos são pequenos, necessitados e pobres".[14]

Os filhos devem respeitar e aceitar os pais, e a liderança destes deve ser incontestável, inquestionável e fonte de segurança para os primeiros. A quebra de hierarquia gera desequilíbrio no sistema familiar, uma vez que a mudança na estrutura sempre gera mudança na dinâmica do grupo. Esta ruptura, voluntária ou involuntária, pode se manifestar de diversas maneiras: demolição do respeito por pai e mãe, tomada de filhos por outros, quando o irmão mais novo assume mais responsabilidade ou privilégio que o mais velho, quando ocorre a queda do pai - o líder - por morte, doença, falência e outras situações desta natureza.

[14] Hellinger, 2005, p. 15.

Segundo Hellinger fazem parte do sistema familiar: nós e nossos irmãos, incluindo natimortos, doados e abortados (mesmo os abortos espontâneos); nossos filhos, inclusive natimortos, abortados e doados; nossos pais, seus irmãos, inclusive os que morreram prematuramente, seus meios-irmãos e os parceiros anteriores; nossos avós, seus parceiros anteriores e apenas os irmãos que tenham tido destinos difíceis; às vezes, os bisavós; as pessoas cuja morte ou prejuízo trouxe lucro para a família, mesmo que não sejam consanguíneas; pessoas que tenham sido assassinadas ou vitimadas de outra forma por membros da família e os assassinos de membros da família.[15]

Existem, portanto, certas leis naturais e ancestrais, que, se obedecidas, contribuem para a estabilidade dos sistemas familiares. Não se trata de teoria, mas das conclusões resultantes de décadas de observação do funcionamento das famílias.

Uma história interessante ilustra em que consistem estas leis ou ordens.

> Certa vez, um venerando religioso, muito idoso e respeitado na localidade, fez uma visita de vários dias à casa de uma família numerosa. Foi muito bem tratado e as pessoas tudo fizeram para agradá-lo e homenageá-lo durante sua permanência. No dia da partida, já se despedindo de todos, o velho senhor diz a seguinte frase:
>
> "Que morram os avós, que morram os pais e que morram os netos!".
>
> As pessoas ficaram atônitas e chocadas.
>
> "O que?!", disse o chefe da família, indignado. "Nós o recebemos com todo amor e reverência e o senhor, ao final, nos deseja a morte?!"
>
> "Sim, de fato", respondeu o ancião tranquilamente, "mas nesta ordem!".

Tratava-se de uma bênção dada com amor, pois a inversão na ordem da morte dos membros da família traz muito sofrimento para todos.

Esta ordem é uma lei natural, assim como o direito de pertinência, que é a lei fundamental: todos os membros de uma determinada família têm o mesmo direito de fazer parte dela. A exclusão de familiares por vergonha, esquecimento ou medo precipita uma grande desorganização no sistema com consequências funestas para as gerações futuras, em médio ou longo prazo. A exclusão ocorre quase sempre por razões profundamente ocultas e inconscientes que representam perigo para a família. Quando, por exemplo, segredos familiares inconfessáveis são detectados por alguém do grupo, o resultado é frequentemente sua punição e estigmatização pela própria família, que pode passar a considerá-lo louco ou mau.

Observamos na prática psiquiátrica e nas psicoterapias que o membro da família conduzido para tratamento geralmente sabe (consciente ou inconscientemente) algo que não deveria saber: infidelidade, desejo de separação dos pais, incesto ou algum outro segredo. Este, no entanto, pode ser o membro mais leal do grupo familiar, aquele que inconscientemente sacrifica-se pelos seus e expressa a dor, a culpa, a raiva e a vergonha da família por meio de condutas destrutivas, de doenças, da repetição de destinos trágicos, ou até mesmo através da própria morte.

A comunicação disfuncional e os segredos favorecem a perpetuação de dinâmicas intrafamiliares que não podem emergir e o familiar que funciona como protagonista absorve a miséria existencial do grupo como se fosse uma esponja com o objetivo - sempre

[15] Hellinger, 2001.

inaparente - de impedir sua destruição. O grupo familiar, por sua vez, atua de modo a complementar e reforçar seu bode expiatório e resiste às tentativas de mudanças que poderiam romper seu precário equilíbrio e reestruturá-lo de maneira mais funcional. O sofrimento prossegue para todos.

Muitas questões relativas a este tema permanecem em aberto. Por que este membro? Por que não aquele outro? Como se dá a seleção da pessoa que, no sistema, vai fazer a conexão com o passado, arcar com dívidas antigas, identificar-se com antepassados excluídos e injustiçados?

Por enquanto, registramos os fenômenos que vemos acontecer. Não sabemos como acontecem. Observamos também que sempre prevalece a união e a luta de todos os membros da família pela sua manutenção, o profundo amor e a lealdade que estão na base de tudo, ainda que frequentemente de maneira equivocada e inconsciente.

3. Co-inconsciente familiar transgeracional

Na década de cinquenta um grupo de cientistas fez um experimento com macacos que viviam num arquipélago do Oceano Pacífico. Eles escolheram uma única ilha, Kochima, povoada apenas por macacos da espécie *Macaca Fuscata* e jogaram batatas doces nas suas praias. Os macacos apanhavam as batatas e as comiam com areia e tudo. Certo dia, sem motivo aparente, uma fêmea jovem lavou sua batata no rio e a comeu. Como o gosto era melhor do que com areia, ela continuou a lavar suas batatas e ensinou sua mãe a fazer o mesmo. Logo outros macacos jovens também passaram a lavar suas batatas e a ensinar suas mães a fazê-lo. Depois de alguns anos a maioria dos macacos jovens só comia batatas lavadas. Esta experiência aconteceu de fato e foi publicada no *Primates* do *Japan Monkey Center.*

Agora, a lenda. Começou quando Lyall Watson disse em seu livro *Lifetide* que quando um certo número de macacos lavadores de batatas foi atingido, macacos de outras ilhas, que não tinham qualquer contato com os primeiros, também passaram a lavar as batatas. Depois Ken Keyes escreveu um livro chamado O *Centésimo Macaco* em que defende a hipótese de que ao se atingir um número crítico de pessoas fazendo ou pensando a mesma coisa acontece uma mudança de comportamento ou de pensamento nas demais. Esta hipótese foi denominada *Fenômeno do Centésimo Macaco* e a controvérsia gerada por ela mobiliza debatedores até hoje.

Mesmo não sendo inteiramente verdadeira, esta história serve para ilustrar a *teoria dos campos morfogenéticos* criada em 1922 pelos cientistas Alexander Gurwitsch, na Rússia e por Paul Weiss, em Viena, que trabalhavam independentes e chegaram simultaneamente às mesmas conclusões. Segundo a teoria todo organismo gera um campo organizador invisível que afeta todas as unidades da mesma espécie.

Esta hipótese foi negligenciada durante anos e somente em 1981 quando Rupert Sheldrake, fisiologista inglês, publicou seu primeiro livro *A New Science of Life*[16] revisando o conceito de *campos morfogenéticos,* a polêmica reacendeu e a teoria vem sendo pouco a pouco observada com mais respeito pela comunidade científica. Ele descreve os campos

[16] Uma nova ciência da vida.

morfogenéticos ou campos não-locais como estruturas espaciais invisíveis, não detectáveis por nossos sentidos e que se assemelham aos campos eletromagnéticos e gravitacionais da física. Embora atuem fora do tempo/espaço, conectam coisas similares entre si através do que Sheldrake chama de *ressonância mórfica,* que é a transmissão da informação nos campos morfogenéticos, comparada ao rádio e à televisão. Os sistemas são organizados pelos campos morfogenéticos que funcionam como uma espécie de depósito, uma memória que guarda todo tipo de informações e que podem ser acessadas e transmitidas de um campo para outro. Desta maneira um grupo transmite e outro grupo capta informações que são patrimônio daquela mesma espécie. Grupos da mesma espécie criam campos de energia que moldam os caminhos por onde correm as informações, à semelhança dos impulsos eletroquímicos que percorrem as células nervosas levando informações para todo o organismo através dos neurotransmissores.

A hipótese de Sheldrake tem semelhança com a teoria de Jung sobre inconsciente coletivo e *arquétipo.* Jung ao observar pacientes psiquiátricos constatou que muitas das suas alucinações continham mitos antiquíssimos que eles desconheciam por completo. Seriam *arquétipos,* símbolos comuns a toda a Humanidade que estariam presentes no inconsciente coletivo e responderiam em parte pela formação da mitologia, das lendas e das culturas dos povos. Um exemplo de arquétipo seria o mito do herói, observado em todas as culturas, representado antigamente pelos guerreiros e atualmente pelos ídolos do esporte. O arquétipo da ajuda, segundo Hellinger, é a relação entre mãe e filho. O arquétipo do estrangeiro que vem do outro lado do mar reaparece hoje nas relações virtuais, através da internet.

A *teoria do inconsciente coletivo* propõe que todas as pessoas já nascem com uma bagagem de conhecimento resultante de todas as experiências vivenciadas pela espécie humana ao longo de sua história. As pessoas teriam acesso a este acervo da Humanidade - o próprio inconsciente coletivo. Jung assim como Sheldrake falava do *não-local* que guarda as informações do gênero humano e que seria acessado por uma espécie de memória ativada nos sonhos, nas alucinações, nas sensações de *déjà vu,* nas precognições.

"O não-lugar não tem tempo, desconhece caminhos, e é feito unicamente de portas e acessos", diz Bonder.[17]

Para Sheldrake a memória humana não estaria localizada no cérebro, mas nos campos mórficos do gênero humano que também seriam hereditários. Assim a influência do passado sobre o presente se daria por ressonância mórfica e não seria reduzida pelo tempo ou pela distância física. O cérebro sintonizaria com os campos morfogenéticos da espécie - onde tudo está registrado, onde "tudo está escrito" e teria acesso à memória coletiva desta espécie da qual poderia colher informações. Ele explica ainda que enquanto os genes são repassados pelos ancestrais de forma material, os campos mórficos são herdados não-materialmente, mas por ressonância mórfica e não apenas dos antepassados, mas também de outros membros da raça humana.[18]

Estas considerações preliminares têm novamente como objetivo instigar o leitor a considerar a possibilidade de coisas não materiais, como sentimentos, pensamentos e outras serem transmitidas de uma pessoa para outra ou de uma geração para outra através do tempo/espaço.

Para ampliar esta possibilidade vamos agora abordar o conceito de *rede.* Visualizemos

17.1996.
18.1993.

uma teia de aranha: os fios se entrelaçam, interligam diversas áreas e formam uma *rede simples*. Observemos o funcionamento da Internet: as milhões de pessoas em todo o mundo que se comunicam pela Internet, cruzam incontáveis informações entre si continuamente sem que se vejam ou se falem, formam um *sistema de rede complexo* (*network*).

A estrutura da rede também foi descrita no início do século XX por Moreno que falava de correntes de natureza sexual, racial e social regidas por determinadas leis e que fluem continuamente em um "leito permanente" - a estrutura grupai - carreando informações. São as *redes psicossociais:* correntes psicológicas geradas pelos seres humanos, que delas participam.[19] Segundo cientistas da atualidade este é o padrão de organização que pode ser identificado em todos os sistemas vivos: o *padrão de rede*[20].

As redes determinam suas próprias fronteiras, retroalimentam-se continuamente, produzem seus componentes a se autoorganizam. São sistemas fechados e abertos: fechados em relação a si mesmos e abertos em relação às trocas de energia e matéria com o meio, mas não organizados por ele. A ordem e o comportamento do sistema não são determinados pelo meio, mas pelo próprio sistema.

Pode-se considerar que o grupo familiar está submetido às mesmas leis que regem os sistemas de rede. Assim como nos demais fenômenos biológicos, poderíamos dizer que do *ponto de vista do padrão de organização* a família é uma rede autogeradora ou autopoiética[21]: produz seus próprios membros e desenvolve seus próprios códigos, ritos, regras e segredos. Do *ponto de vista da estrutura,* na Física, a família seria como uma estrutura dissipativa[22], isto é, um sistema aberto que está sempre distante do verdadeiro equilíbrio, mas que também é um sistema fechado quando o observamos sob a ótica do padrão de organização. Vejamos um exemplo simples. Quando um membro da família contrai matrimônio, a outra pessoa passa a fazer parte do grupo familiar (sistema aberto) e sua entrada modifica a estrutura da família. Contudo, o novo membro não poderá determinar quais serão as obrigações dos outros membros da família. Dificilmente alguém de fora do grupo pode determinar a organização dos papéis dentro da família (sistema fechado).

Do ponto de vista do processo, o sistema familiar é um sistema cognitivo.

Por sistema cognitivo compreende-se um padrão específico de relações que resulta na *autoconsciência,* que na família podemos chamar *consciência de clã* ou ainda *co-inconsciente familiar.*

A palavra "inconsciente", do alemão *das Unberwuste,* significa "não expressado" ou não-dito. São os segredos mais profundos de cada um e dos grupos. Freud descobriu o *inconsciente,* Jung formulou o conceito de *inconsciente coletivo,* Moreno criou o conceito de *co-inconsciente* e Hellinger descreve a *consciência de clã.* Todos têm em comum o não-local e o conteúdo secreto, o não-dito, o indizível.

O inconsciente opera no nosso mundo interno, mobiliza elementos que jazem em algum recanto profundo da mente, influenciam o presente e emergem ocasionalmente para o plano consciente. O inconsciente coletivo reúne a experiência da Humanidade, que tem acesso a ele, e independe das gerações, das civilizações e das nossas vivências pessoais. O co-inconsciente forma-se nos grupos em geral e reúne a experiência, as emoções, os

19 Moreno, 1994.
20 Capra, 1996.
21 De autopoiese: autocriação.
22 Teoria das Estruturas Dissipativas, de *Ilya Prigogine* (1917-2003), segundo a qual sistema equilibrado é sistema morto e, portanto no sistema vivo coexistem de maneira aparentemente paradoxal o ser e o vir a ser, a estabilidade e a mudança.

segredos e os objetivos destes grupos. Seus membros têm acesso inconsciente a tudo isto.[23]

O co-inconsciente familiar transgeracional ou consciência de clã se forma ao longo da linhagem evolutiva dos antepassados de cada família por meio de um processo que inclui seus relacionamentos, sua linguagem, sua cultura e sua história. Registra os eventos bons e maus, os débitos, os créditos, as injustiças e gera uma espécie de memória como se fosse um banco de dados. Esta memória parece ser fundamental para a existência da identidade da família e para a transmissão dos valores e regras de comportamento de uma geração para outra. As ações dos membros de uma família decorrem em parte desta memória ancestral. A consciência de clã responde pela irresistível necessidade que existe nos sistemas familiares de restaurar a ordem e de equilibrar a balança dos débitos e créditos, principalmente pela compensação de injustiças sofridas por seus membros. A força da consciência de clã advém dos poderosos vínculos consanguíneos que os unem e que têm precedência sobre os demais vínculos.

Este enfoque nos direciona para uma nova compreensão do nosso destino: temos discernimento e livre-arbítrio, nossa vida não está pré-determinada, porém não somos independentes. Estamos todos interligados conforme o padrão de rede que rege o funcionamento dos sistemas vivos e que conecta seus membros em duas perspectivas:

> Intergeracional/Horizontal: em que conteúdos emocionais, segredos, débitos e créditos, lealdades são compartilhados pelos membros das gerações que estão em inter-relação direta, em vida;
>
> Transgeracional/Vertical: em que a herança emocional oculta da família, lealdade, segredos e *fantasmas,* perpassa várias gerações, de forma inconsciente: pais avós, bisavós.

A teoria de Rupert Sheldrake sobre campos morfogenéticos, as ideias de Fritjof Capra para desenvolver uma teoria unificada e sistêmica para a compreensão dos fenômenos biológicos e sociais, os mais recentes estudos sobre padrão de rede *(network pattern)* e transmissão de energia, podem vir a ser portais para a compreensão de uma forma de transmissão não-genética das heranças ocultas e dos vínculos ancestrais nas famílias.

Por enquanto nenhuma área do conhecimento científico pode explicar como algo não-material pode ser transmitido através do tempo e alcançar várias gerações de uma mesma família, influenciando-a. A maioria dos cientistas não aceita explicações de cunho transcendental e a genética ainda não explica certas questões desta área, como, por exemplo a repetição periódica de fatos, como acidentes, nas mesmas datas, nas mesmas idades e nas mesmas posições familiares.

Uma ciência relativamente nova, a *Psiconeuroimunologia,* pode vir a ser importante na elucidação desta questão. O termo original, Psicoimunologia, foi criado pelo psiquiatra George Solomon na década de oitenta para designar o campo de investigação científica da interação entre o cérebro e o sistema imunológico. A evolução das pesquisas caminhou para o que hoje é conhecida como Psiconeuroimunologia: a ciência que trata da ligação entre consciência (psiquismo), sistema nervoso central (neuro) e sistema imunológico e cuja tendência é realizar a conexão entre a Medicina e as Ciências Sociais.

Moreira[24] percebe a doença como o resultado de uma falha das defesas do indivíduo para lidar com o estresse. Para ele a origem da enfermidade tem seu momento histórico ou

---

[23] Schutzemberger, 1997.

24 2003.

sociocultural. Observa-se, por exemplo, que muitas pessoas com câncer passaram por um severo evento estressante cerca de dois anos antes do surgimento do tumor. Outro dado curioso é a morte de um cônjuge ocorrer cerca de três anos após a doença gravíssima do outro. A teoria da desistência depressiva[25] para estes casos reforça o consenso científico de que o organismo humano funciona em sistema de rede. Os setores energético, psíquico, neurológico, digestivo, respiratório, renal, cardiovascular não são independentes. Ao contrário, os órgãos e aparelhos do corpo humano funcionam de forma interligada e interdependente e este último está relacionado com o meio ambiente, com o passado, com o presente e com o futuro. Tudo está relacionado com tudo. O próprio Universo funciona como uma imensa teia de relações.

Haveria então, uma extensa rede atemporal, ativa, formada pelo inconsciente das gerações de uma mesma família, em que se transmitiriam informações e emoções de antepassados distantes e que poderiam ser captadas pelos descendentes, influenciando suas vidas?

Tudo parece apontar nesta direção. A família pode ser considerada um imenso organismo vivo em que seus membros ou componentes de qualquer geração permanecem em contínua interação, influenciando o destino uns dos outros, buscando o equilíbrio do todo, atento a qualquer evento desestabilizador, sempre pronto a reparar o erro do sistema ou buscar a cura para a doença do organismo. Injustiças, exclusões, traições e mortes trágicas são quebras da ordem na família, desequilibram o sistema e tomam-se pendências geradoras da necessidade de compensação para restabelecer este equilíbrio. Quando um membro da família é tratado de maneira cruel ou injusta, em gerações posteriores alguém é escolhido por *pressão sistêmica,* para reparar inconscientemente aquele erro do sistema. Pode ser que um descendente sofra pelo injustiçado e pague com sua dor a dívida familiar. Neste caso o indivíduo pode assumir e reproduzir o destino do antepassado excluído ou esquecido desenvolvendo uma doença grave, apresentando comportamento estranho ou sofrendo acidentes. Para Hellinger seria um *emaranhamento* com o destino do injustiçado que impede a pessoa da geração atual de viver a própria vida livre das amarras do passado remoto. Para Boszormenyi-Nagy trata-se de uma *lealdade familiar invisível.*

A lealdade e as reparações se expressam nas famílias através de três dinâmicas básicas profundamente ocultas no inconsciente:

- Eu o acompanho na morte ou na doença ou no destino;
- Melhor eu morrer do que você ou, Melhor eu partir do que você;
- Expiação por culpa pessoal.[26]

O membro mais leal do grupo recebe o impacto da carga emocional e/ou energética (por ressonância mórfica?) e parte para reparar a dívida, salvando ou protegendo a família. Nagy considera que os adolescentes delinquentes e drogadictos são geralmente os membros mais leais da família, na perspectiva intergeracional. Provavelmente numa perspectiva transgeracional também.

Vamos examinar de perto esta situação: sendo a drogadicção uma doença frequentemente de êxito fatal, nosso adolescente pode estar se matando por lealdade no lugar do pai ou da mãe (antes eu do que você, querido pai ou querida mãe). Talvez ele adoeça para fazer companhia a uma mãe doente e solitária, ou para ocupar o lugar do pai junto à mãe ou para expressar a raiva oculta da família. Em qualquer dos casos o

25 Ballone. Psicossomática e Cardiologia - in. PsiqWeb, Internet, disponível em www.psiqweb.com.br, atualizado em 2005.

[26] Hellinger, 1996.

denominador comum é sempre a busca do equilíbrio para o sistema.

Parece injusto? Segundo Hellinger a justiça existe apenas para os antepassados e não para os descendentes. Cabe a estes reparar os erros do sistema e para tanto, movidos pela lealdade nem boa nem má, eles desenvolvem formas particularmente nocivas de comunicação, fazem as mais destrutivas coalizões, assumem o destino dos injustiçados ou formam subsistemas, criando as regras necessárias à proteção do grupo e à sua sobrevivência propriamente dita. Tais regras, pactos e alianças muitas vezes envolvem mitos e segredos familiares que atravessam o tempo e as gerações, ultrapassam a própria morte e influenciam a vida de pessoas da família no presente.

Não se sabe como estes fenômenos acontecem. Algumas estatísticas importantes foram realizadas sobre Síndrome de Aniversário. Quanto aos demais temas, ainda não se sabe como investigar.



Lealdade invisível na família

"El compromiso, la devoción y la lealtad son los determinantes de las relaciones familiares."

Ivan Boszormenyi-Nagy

Minha família de origem é muito numerosa. Cresci no meio de um bando de irmãos e irmãs, primos e primas aprendendo desde cedo o que significava fazer parte daquela família. Nossos pais, tias, tios e avó nos repassavam o que haviam aprendido com seus próprios pais sobre *Nós* - a família, sobre nossa história e nossas normas e gradativamente meus irmãos e eu construíamos nossa identidade familiar. Aprendemos pelo lado paterno que *Nós* somos inteligentes, alegres, amantes dos livros e da natureza; pelo lado materno *Nós* somos orgulhosos, fechados, corajosos, unidos, não gostamos de pedir nada a ninguém e a família está acima de tudo. Minha avó materna - a querida Teté - desempenhava o papel de guardiã da memória familiar e porta-voz das "senhas" familiares. Desde pequena eu a ouvia dizer frases como: Nesta família não se abaixa a cabeça para ninguém; Ninguém é melhor que nós, e não somos melhores do que ninguém; Bico calado vale um cruzado; Boa romaria faz quem em sua casa fica em paz. Eram consignas de pertencimento à família. Ela também me contava histórias sobre seus pais, irmãos e filhos e sobre familiares distantes. Histórias de bravura, heroísmo, tragédia e sofrimentos indizíveis.

Seu irmão Elisiário morreu aos doze anos de idade quando escorregou e caiu num açude infestado de piranhas que devoraram seu corpo. Sua irmã mais velha Maroquinha morreu jovem, aos vinte e sete anos deixando três filhas pequenas. O irmão caçula, Mário, aos dezessete anos de idade fugiu de casa

para seguir a Coluna Prestes e desapareceu por trinta anos, quando finalmente escreveu para a família informando seu paradeiro. Era jornalista e poeta e morreu logo depois, aos cinqüenta anos de idade, vitimado por uma doença rara.

A filha mais velha de minha avó, Maria do Céu, morreu aos dezesseis anos de idade, envenenada criminosamente pelo cozinheiro de um restaurante que havia sido demitido e que se vingou do patrão colocando veneno na comida. Minha tia tomou a sopa no lugar de meu avô e foi a única vítima fatal. Sua morte provocou um clamor na cidade de Fortaleza, em 1936.

Por outro lado, eu ouvia minha avó contar com orgulho a história de Tristão[27] e de Bárbara de Alencar[28], nossos antepassados, personagens da História do Ceará e do Brasil que protagonizaram eventos importantes no século XIX. Criança ainda escutava-a fascinada e também me enchia de orgulho por aqueles feitos heróicos, mesmo que tenham sido os feitos *deles* e não meus e mesmo tendo passado mais de um século dos eventos dos quais participaram. Aprendi que em nossa família, como nas demais, temos as glórias e as tragédias, os excluídos e os heróis. A figura do herói na minha família foi resgatada em março de 2007 quando meu tio Ossian Alencar Araripe morreu tragicamente num incêndio em sua residência, mas antes conseguiu alertar as demais pessoas, que escaparam com vida.

Com o passar do tempo fui me apossando da história dos meus antepassados, internalizando-a como parte da *minha* própria história e assimilando a família dos meus pais como *minha* família. Eu possuía meu lugar no mundo e o destino deles era também, de

27 Tristão de Alencar Araripe (1788-1824), filho de Bárbara de Alencar, revolucionário republicano morto numa emboscada aos 36 anos de idade durante as lutas libertárias do Nordeste, na primeira metade do século XIX. Bisavô de minha mãe.

28 Bárbara de Alencar (1760-1832) foi a primeira presa política do Brasil, heroína da revolução separatista e republicana da Confederação do Equador.

certa forma, o meu.

Somos nossos antepassados, pois herdamos não apenas seus genes, mas suas vidas, seu destino e suas *regras* que têm grande impacto sobre nós. Os membros de uma família necessitam conduzir suas vidas de acordo com estas regras que são implícitas e explícitas, embora nem sempre conscientes. São os códigos de acesso à família, as senhas que lhes permitem experimentar a sensação de pertencer ao grupo e que lhes conferem este direito. Funciona mais ou menos assim: *Para fazer parte desta família tenho tais e tais obrigações; sei, ou meu inconsciente sabe que minha família (ou o inconsciente familiar) espera tal conduta de mim, então não quero, não posso e não devo transgredir o código de regras nem desobedecê-lo, pois temo perder o direito de continuar a fazer parte da família.*

Parte deste processo acontece em zonas profundas do inconsciente familiar e de cada um e não são ditas: são apreendidas por experiência. O cumprimento ou o seguimento das regras familiares - boas ou más - confere passe livre ao indivíduo para pertencer ao grupo, comprova sua lealdade e fortalece os vínculos familiares, muitas vezes às custas de enormes sacrifícios.

Numa família de seis irmãos, todos do sexo masculino, após a morte do pai numa troca de tiros com a polícia, cinco deles tornaram-se delinquentes: ladrões, traficantes de drogas e assassinos. Os filhos claramente seguiram o destino pai, por pior que tenha sido. O sexto filho não seguiu os irmãos e não entrou para a criminalidade. Levava uma vida calma de estudo e trabalho até ser morto a tiros por uma quadrilha rival dos irmãos. Embora tenha tentado viver de maneira diferente, ele também seguiu o pai e morreu de forma semelhante.

Estamos falando de *lealdade familiar*. A palavra "lealdade" deriva do latim, *legalitate* que é a qualidade, ação ou procedimento de quem é leal. Leal: sincero, franco e honesto; fiel aos seus compromissos[29]. O significado convencional de lealdade implica atitude digna de confiança para com algo ou alguém e em se tratando de família a origem da lealdade se baseia no parentesco biológico e hereditário.

O conceito de lealdade interpessoal é fundamental para compreender como se organiza e funciona a trama relacionai mais profunda nos grupos familiares. Trata-se do compromisso que as pessoas assumem para com as expectativas de sua família e o membro leal tem como dever:

a) Interiorizar as expectativas deste grupo. *Captar,* mais do que saber, o que o grupo espera do comportamento de seus membros, em diversos níveis de profundidade.

b) Ter ações compatíveis com aquelas expectativas. Operacionalizar os mandatos externos e as expectativas interiorizadas, que podem ser produtivas ou destrutivas. *Fazer, agir* de acordo com o que se espera dele.

Os níveis de expectativas são como as camadas de uma cebola: vão dos mais externos em direção aos mais profundos. Os mais aparentes ou superficiais são as regras básicas do convívio social em que as lealdades são conscientes e observáveis como trabalhar, cuidar, casar, gerar e criar filhos. Em outros níveis de aprofundamento das solicitações inconscientes estão as pressões sistêmicas que impulsionam o destino dos membros da família de acordo com o requerido para a proteção do grupo. É neste nível que estão as *lealdades invisíveis*.

29 **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.**

Cada família gera sua própria definição não verbalizada de lealdade. Esta lealdade é tecida com os fios da consanguinidade, da necessidade de preservação da existência biológica e da linhagem familiar e com os méritos adquiridos pelos membros da família. Exemplos:

Nesta família desconfia-se dos estranhos.

Nesta família as mulheres dedicam-se sacrificialmente aos filhos.

Nesta família alguém é designado para cuidar da família (ou dos pais idosos).

Nesta família os parentes políticos (genros, noras, etc.) são acolhidos, mesmo após divórcios.

Nesta família todos têm que sofrer para fazer parte. E assim por diante...

Os membros de uma família comportam-se lealmente por dois motivos:

- Por coerção externa (interesse em pertencer àquele grupo ou sentimentos de obrigação conscientemente reconhecidos).
- Por uma obrigação internalizada de pertinência que os ligue à família inconscientemente.

Pedro nunca havia percebido que não teve qualquer escolha na vida profissional: tornou-se militar como todos os primogênitos de sua família. É assim que as coisas acontecem na sua família.

Ana, a caçula de cinco irmãos, deseja – conscientemente – casar e ter seus filhos, porém é imperativo que ela abdique – inconscientemente – deste sonho para cuidar dos pais idosos, pois é assim que o filho caçula se comporta nesta família, há gerações. Assim sendo, ela não encontrará um parceiro adequado. Sentir-se-á sempre irresistivelmente atraída para homens que não querem compromisso, que já sejam casados ou encontrará algum obstáculo intransponível que a impeça de seguir outro destino que não seja aquele designado pela necessidade da família.

João precisa drogar-se e tornar-se um problema grave para que a vida de sua mãe depressiva ganhe um sentido e evite seu suicídio: cuidar dele para sempre.

Maria vive há muitos anos uma relação turbulenta e infeliz com seu marido. No entanto não pode divorciar-se, pois ninguém rompe casamento na sua família e ela não sente força para transgredir esta regra.

Estes são alguns exemplos de regras de lealdade peculiares a cada família, desenvolvidas com a finalidade oculta de regular seu funcionamento, uma vez que em qualquer situação os vínculos de lealdade sempre têm como função manter o próprio grupo. A incapacidade de cumprir com as obrigações internalizadas gera sentimentos de culpa que influenciam o sistema familiar. A culpa é um poderoso regulador do sistema.

Os mais fortes vínculos de lealdade formam-se na infância, durante o desenvolvimento emocional e estruturação da identidade da criança. Nesta etapa da vida tudo tem uma intensidade e uma qualidade diferente, as regras familiares estão em processo de aprendizagem, os códigos estão sendo incorporados e enfiados no inconsciente, tornando-se, no futuro, rígidos padrões de conduta. As emoções da criança são intensas, estão em estado bruto, são tenras e temperadas por uma lógica infantil implacável. Emoções

referentes a experiências dolorosas, permanecem represadas, em estado de latência, como um cisto de dor *não sentida* que o indivíduo pode carregar ao longo da vida e que um dia arrebenta e libera seu conteúdo nocivo sob a forma de doenças graves, acidentes, falências financeiras, desordens nos relacionamentos, fracassos profissionais, e outros transtornos.

Vejamos a seguinte situação: uma criança muito pequena convive com seu irmãozinho também pequenino e que é a coisa mais importante para ela, já que os vínculos entre irmãos estão entre os mais poderosos da família. Acontece que o pequenino adoece e morre. Para a criança sobrevivente isto é devastador. Não é possível assimilar tal golpe *em tal idade.* O sofrimento é inexprimível uma vez que a criança não possui muitos recursos para expressar sua dor. Esta dor encapsula-se e encista-se.

A lacuna deixada pela morte do irmão estará sempre ali e de alguma maneira a criança anseia por estar novamente com ele. Ela fantasia que apenas através da morte isto pode ocorrer e assim sendo instala-se no inconsciente uma dinâmica que exprime o desejo oculto: "Eu queria seguir você, irmãozinho".

A criança cresce, torna-se adulta, porém a dor não foi embora e nem ficou adulta, o cisto permanece e manifesta-se por uma vontade *não sentida* de morrer. O atual adulto pode adoecer, sofrer acidentes inexplicáveis, ou desejar morrer mesmo, conscientemente. Porém, digamos que não morra. Esta pessoa casa-se e tem filhos. Um deles *capta* que a mãe ou o pai (aquele que perdeu o irmãozinho na infância) quer morrer. O filho não chega sequer a entender, pois não chega a este nível de percepção: ele apenas *capta.* Como as crianças são profundamente leais aos que amam, o filho simplesmente decide através de outra dinâmica inconsciente, que seria: "Eu vou no seu lugar, papai, ou mamãe". É quando têm início as doenças graves, os acidentes, as atitudes autodestrutivas, a rota de colisão com a morte.

Além destas existem outras maneiras do filho manifestar o sacrifício oculto na busca de salvar o pai ou a mãe. São jovens que assumem atitudes agressivas em casa para proteger o pai ou a mãe da depressão. É o adicto que está identificado com algum antepassado infeliz, se lança no precipício da droga, gera uma grande transformação no sistema familiar e reproduz o destino daquele, impedindo (ou imaginando impedir) o pai de fazê-lo. São os alcoólicos, verdadeiros desastres como maridos ou pais, mais leais aos irmãos autodestrutivos, do que aos próprios cônjuges.

É preciso deixar claro que a lealdade familiar é sempre a manifestação objetiva do amor *possível* e da solidariedade que permeia as relações entre os membros do grupo. Subjacente a fatos que confrontam qualquer código ético e humanístico - como abuso de crianças, delinquência, violência - flui nas relações familiares como a água no leito de um rio subterrâneo, uma corrente de energia, de amor, às vezes mal aplicado, mal canalizado e equivocado. Porém, sempre amor.

É sempre importante descobrir com quais códigos da família e com que tipo de lealdade estamos comprometidos. Isto tem como finalidade:

- Clarificar a dinâmica profunda ou a lealdade invisível.
- Identificar as pressões sistêmicas, ou o que temos que enfrentar.
- Encontrar uma maneira de redimensionar a lealdade, sem trair a família.
- Descobrir a ordem[30] correta das posições das pessoas na família e nosso lugar existencial no grupo familiar, libertando-nos para viver nossa própria vida sem

30 Ordem na família quer dizer que cada membro está em seu devido lugar no sistema familiar. (Hellinger, 2001).

as amarras de lealdades aprisionadoras. Para que o curso da vida e do destino de cada um prossiga em paz os membros da família necessitam fazer algumas transições nas lealdades familiares mantendo o respeito por certas lealdades fundamentais[31]:

Os jovens casais devem desligar-se da lealdade à família de origem, pelo compromisso assumido de formar nova família.

Devem modificar sua lealdade à família de origem.

Devem lealdade aos filhos nascidos desta união.

Os filhos têm uma dívida de lealdade para com seus pais e com as gerações anteriores.

Os irmãos devem lealdade uns aos outros.

Os membros da família devem evitar relações sexuais com parentes consanguíneos.

Os pais devem apoiar suas famílias nucleares e manter o apoio aos próprios pais e parentes anciões.

As mães devem criar seus filhos e estar disponíveis para sua família de origem.

Os membros da família têm deveres como cidadãos.

Eles devem manter e proteger a integridade do sistema familiar, mas ser capaz de acomodar novas relações.

Enfim, ser um membro leal da família às vezes pode exigir muito de uns e pouco de outros e a quantificação da lealdade leva ao conceito *de justiça* que será abordado em outro capítulo.

4. Segredos em família

Nada é tão bem guardado quanto um segredo de família. Ninguém gosta de lembrar do tio-avô que foi preso por roubo, da tia que morreu no hospital psiquiátrico, da bisavó que traía o marido e assim por diante. Os segredos geralmente estão relacionados a acontecimentos familiares que vêm acompanhados de emoções fortes e dolorosas como a vergonha decorrente de situações como abuso, prisão de parentes, falência ou de doenças estigmatizadas; a culpa ocasionada por situações difíceis como incesto, suicídio e assassinato; e o sofrimento advindo das mortes trágicas e prematuras. Naturalmente tudo fica pior se o acontecimento teve grande impacto no contexto sócio-cultural da época.

Nos dias atuais nos deparamos com segredos modernos: o pai homossexual, o irmão dependente químico, a tia com AIDS, a mãe alcoólatra. Os segredos estão sempre relacionados a algo que desgraçou a família e de que não se fala. Quanto mais grave o segredo, menos se fala nele e gradativamente vai sendo empurrado para o fundo da memória da família, num processo de distanciamento da consciência e espremido em algum canto escuro do inconsciente familiar até que se alcança o esquecimento. Duas gerações depois

[31] Boszormenyi-Nagy, 1994.

ninguém mais recorda o acontecido e este oculto permanecerá arquivado e inacessível.

Os segredos de família podem ser progressivamente mais graves, nesta ordem: o não-dito, o indizível, *o impensável devastador e a cripta.* O não-dito é consciente, conhecido e escondido; o indizível é algo que não se pode saber, mas se pressente a existência; o impensável é aquilo para o qual não existe representação mental possível, como nos traumas infantis quando a criança sequer identifica o que lhe acontece; e a cripta é como um fantasma atormentado de outra geração, um "mal enterrado" (uma carga emocional pesadíssima) que frequenta a vida de um membro da família, trazendo-lhe grande sofrimento.

Vamos imaginar que numa família ocorreu um evento dramático na geração dos avós que não pode ser comentado ou revelado porque as pessoas têm vergonha, culpa, medo ou, seja qual for a razão, não conseguem lidar com o fato e o ocultam deliberadamente. Trata-se de algo sabido e escondido. Eles se calam e assim transmitem para os filhos um *não- dito* que não desaparece nem se apaga, mas permanece vivo e guardado no co-inconsciente da família. Os filhos, por sua vez, embora não conheçam o conteúdo do escondido, sentem o clima do segredo no ar, farejam o mistério, pressentem que existe algo de que não se pode falar e assimilam o legado. Seguem suas vidas carregando em sua bagagem existencial aquilo que já se tornou um *segredo indizível.* A geração dos netos recebe o enigma, o estranho legado de algo que está no co-inconsciente familiar, mas de que não se fala e já não se sabe.

O segredo agora está inalcançável tanto para o consciente como para o inconsciente das pessoas envolvidas. Está restrito a uma dimensão somente acessada por meio de certas atmosferas, de *déja vu,* dos sonhos, de lembranças difusas, de estranhas escolhas e evitações, de delírios e alucinações. Tornou-se um *impensável* o local mais remoto em que um segredo pode ser escondido das gerações posteriores. Para estas gerações poderá vir a ser uma *cripta.*

Cripta foi o termo utilizado por Nicolas Abraham e Maria Torok, psicanalistas, em seu livro L'*Écorce et le Noyau*[32], para designar a estranha situação em que alguém abrigaria dentro de si uma espécie *de fantasma* (na verdade, a emoção) de um ancestral que levou consigo, na morte, algum segredo relacionado com seu destino trágico e infeliz.

O *fantasma* (a emoção), profundamente internalizado na cripta, nutre-se da vida de seu hospedeiro como um parasita, neutralizando e impedindo sua existência enquanto ele não conseguir libertar-se. Seria como um emaranhamento em que alguém repete o destino e as emoções do antepassado, num processo de *identificação.*

Cripta, nesta abordagem, está relacionada a algo horrível que teria acontecido com um membro de uma geração longínqua sem que familiares tenham conhecimento. São casos de pessoas que desapareceram, tiveram uma morte dolorosa e solitária, mas seu destino permanece ignorado. São exemplos as vítimas da guerra ou de sequestro cujo corpo jamais foi encontrado e as pessoas cujo assassinato permanece insolúvel.

Aquele que foi enterrado com seu segredo e destino ignorado não foi bem enterrado e em uma e outra geração (sua emoção) sai do túmulo - da cripta - e busca uma forma de se manifestar e transmitir sua dor através de um descendente para que alguém, algum dia, em algum lugar tome conhecimento de seu destino e possa saber que ele existiu e que *aquilo* aconteceu com ele.

O não lembrado então, *não pode ser esquecido* talvez porque o acontecimento envolveu emoções tão intensas e profundas, foi tão carregado de tristeza ou raiva que estas não se

32.1978.

dissolveram com o tempo. A dor da vítima, sua indignação, sua tristeza indizível, seu segredo, cruzam a barreira do tempo e alcançam o inconsciente de um membro de outra geração, que o acolhe e passa a manifestar as emoções do antepassado por intermédio de alterações bizarras de comportamento ou de doenças graves.

O detentor da cripta tem a peculiaridade de não partilhar com a família o fantasma que aloja nele: aquele que não pode ser esquecido... e nem lembrado. Segundo Guy Ausloos esta é uma das características dos segredos em geral: *É proibido saber e proibido não saber.*[33]

Os não-ditos e as criptas são guardados no inconsciente da família, porém geralmente existe alguém que não os metaboliza e pode manifestar esta não-metabolização sob a forma de sintomas ou da repetição aniversária do fato. Este membro da família faz o vínculo com a geração distante e expressa inconscientemente a dor, a indignação, a vergonha ou o desejo de reparação ou vingança do antepassado.

Não se conhece a maneira como isto acontece. Abraham e Torok supõem que passa do inconsciente de uma geração para o inconsciente de outra, talvez do inconsciente da mãe ao inconsciente do filho por nascer.

Outros tipos de segredos, nem tão antigos nem tão graves, também têm repercussão na dinâmica familiar. As crianças costumam pressenti-los e acusam de forma codificada seu conhecimento por meio de doenças, alterações de comportamento, acidentes. Elas pressentem acontecimentos até de várias gerações anteriores.

Estudiosos das dinâmicas familiares muito têm escrito e falado sobre o paciente identificado ou bode expiatório sobre quem já nos referimos. Geralmente é alguém que capta precocemente algo que não vai bem na família, como um segredo perigoso ou outra situação ameaçadora. Isto a atinge profundamente e opera mudanças em seu comportamento, transtornando-lhe a vida. Seu inconsciente trabalha mobilizando temor, insegurança e o impulso irresistível de fazer algo para proteger a família, custe o que custar.

Vejamos dois exemplos de uma dinâmica bastante comum em que os filhos agem para salvar a família e pagam com o preço do seu bem estar, da sua saúde ou até da própria vida.[34]

Karen tem vinte e cinco anos de idade, não trabalha, não estuda e vive para dar trabalho aos pais: "É uma moça muito complicada", dizem eles. Quando lhe perguntamos sobre sua família ela diz que seus irmãos são bem certinhos, que seus pais são muito unidos e têm um casamento perfeito. Karen não sabe (seu inconsciente sabe) que o pai tem uma amante há anos; sua mãe não sabe disto (sabendo) e está sempre à beira da depressão. No entanto nem o marido deixa a esposa nem esta expõe sua grande mágoa nem ambos encerram um casamento infeliz porque *estão todos muito ocupados* com Karen que é o verdadeiro problema da família. Ela assume o papel que lhe foi adjudicado - de filha complicada - e não pode viver sua vida, pois se vier a fazê-lo os pais podem separar-se e isto é pressentido inconscientemente como uma experiência caótica e destrutiva. Então Karen desempenha a função requerida por pressão sistêmica, sacrifica-se desviando a atenção para si e adoece para manter todos unidos.

A família Silva vem para a primeira sessão de terapia familiar. A família é composta pelo casal e três filhos: duas moças e um menino de dez anos. O motivo aparente da consulta é a profunda desavença entre as irmãs mais velhas. Na primeira sessão o menino chega

[33] Apud Schutzenberber, 1997.
[34] Trabalho com famílias e grupos em parceria com Luana Andrade.

afônico e não pode falar. Na segunda sessão ocorre o mesmo: o menino ficou afônico na véspera da consulta. Quando ele chega impossibilitado de falar na terceira sessão já sabíamos que ele era o detentor de um segredo familiar que não podia ser revelado.

Estávamos diante de uma situação em que os filhos sem qualquer combinação prévia se unem em torno de uma causa comum que, via de regra, é proteger a família para evitar sua dissolução. Então, num processo inteiramente inconsciente, as irmãs assumiram a tarefa de promover o tumulto que desviaria a atenção dos pais, e o irmão emudeceu para não poder falar o que sabia.

Observamos com respeito a profunda lealdade, o amor e a união que atuavam na família. Consideramos que o mais adequado para o momento seria realizar uma sessão apenas com o casal sem a presença dos filhos. Nesta sessão a mulher nos informou diante do marido (que já sabia de tudo) que o filho descobrira casualmente que ela mantinha um relacionamento extraconjugal há algum tempo. O casal vivenciava um momento dificílimo, considerava a perspectiva da separação e procurava manter sua desavença em segredo numa tentativa de poupar os filhos.

O movimento dos filhos era claro para nós: as moças, embora não sabendo o que ocorria, tratavam de desviar a atenção para si (olhem para nós, não olhem um para o outro), brigavam continuamente e criavam grande confusão em casa (faziam barulho para abafar o que não queriam escutar); o garoto encontrava-se na difícil situação de trair o pai ou trair a mãe. Se revelasse o que havia descoberto trairia a mãe, se não revelasse trairia o pai. "Escolheu" perder a voz para não revelar o segredo.

Neste caso optamos por suspender a terapia familiar e encaminhar o casal para terapia de casal e os filhos para acompanhamentos individuais.

Evan Imber-Black[35] publicou o caso de Ana uma mulher de setenta e três anos de idade casada com João, de setenta e quatro. Eles tinham duas filhas, de quarenta e três e quarenta e oito anos de idade. Ana desenvolveu ao longo dos um Transtorno Obsessivo-Compulsivo - TOC - gravíssimo com prevalência dos rituais de limpeza.

Ao ser atendida pela primeira vez por Evan, Ana encontrava-se hospitalizada pela enésima vez, com quadro considerado pela equipe que a atendia como *refratário,* ou seja, rebelde aos diversos esquemas terapêuticos tentados. Uma curiosidade sobre a situação familiar era a discrepância entre o que diziam o casal e as filhas: o primeiro afirmava categoricamente que nunca haviam discutido uma única vez e que seu casamento era harmonioso; por outro lado, as filhas diziam que eles brigavam *em voz baixa* quando não havia ninguém por perto. O fato é que havia um segredo na família: a primeira filha nascera antes do casamento e isto era terrível para eles devido aos códigos familiares e sociais da época. Nunca comentaram com ninguém nem o tema era abordado entre eles mesmos. Depois que puderam finalmente contar o segredo e falar sobre o assunto abertamente, Ana ficou curada.

A melhor maneira de lidar com os segredos é abrir o baú, tirar os esqueletos dos armários e liberar as gerações atuais e futuras do peso devastador de responder pelos crimes, pecados e dores dos seus antepassados. Isto nem sempre é possível e muitas vezes torna-se necessário intervir para restabelecer a ordem no sistema familiar.

Às vezes o indivíduo se depara com certas questões familiares que Serge Tisseron denomina *impasse genealógico.* Um exemplo deste impasse acontece quando ele fica dividido

35.1994.

entre ser compelido a revelar algum segredo horrível sobre sua família ou calar. Falar o protege de identificar-se com aspectos dos ancestrais que lhe parecem maus e odiosos - que ele rejeita - mas ele pode escolher calar em nome de uma equivocada noção lealdade familiar que o mantém aprisionado.

Será que existe alguma chance de se libertar?

Recentemente vi na televisão uma entrevista com Mi- reille Renno, francesa, em que ela relata a dolorosa experiência da descoberta de um segredo em sua família que envolvia um tio querido, a II Guerra Mundial e os horrores do nazismo. Mireille tinha imenso carinho e admiração por seu tio-avô Ge- org Renno, médico, amante da música clássica, das crianças e que tocava flauta para os sobrinhos que o visitavam. A certa altura da vida ela sentiu o impulso irresistível, um apelo forte para investigar sobre sua família. Deu início a uma pesquisa que culminou com a descoberta de crimes monstruosos praticados por seu tio durante a guerra: ele tornara-se colaborador do regime nazista e fora responsável pelo extermínio de cerca de trinta mil pessoas.

Os nazistas, com sua repugnante campanha de limpeza étnica decidiram eliminar além dos judeus, os deficientes e os doentes mentais, adultos e crianças e convocaram o Dr. Renno que se dedicou com empenho à concretização da tarefa na região onde vivia. Ele assassinou milhares de pessoas indefesas nas câmaras de gás, ficou impune e morreu em 1997 aos noventa anos de idade, confirmando antes para a sobrinha tudo que fizera.

Mireille descreve os sentimentos de cólera, desespero e vergonha que sentiu ao descobrir aquele horror em sua família. "Era como uma ferida na alma, uma cicatriz na família". E questiona: "E isto cicatriza?"

Depois veio a dúvida: revelar ou não revelar ao mundo o que descobrira. Por fim decidiu que precisava contar ao mundo o que acontecera para proteger as gerações vindouras de outro horror e para que não esqueçam. Resolveu contar para se sobrepor ao silêncio e à morte e, acima de tudo, para ser a porta-voz das vítimas, falar por elas, exprimir sua dor e indignação e não permitir que sejam esquecidas. A maneira que encontrou para fazê-lo foi escrever um livro sobre os crimes do Doutor Georg Renno como punição póstuma, tornando público o segredo dos seus crimes para sempre.

"Existe o que é certo o que é justo e o que não é", diz Mireille.

5. Síndrome de aniversário

Joséphine Hilgard, médica e psicóloga francesa, realizou nos anos de 1954 a 1957 uma pesquisa com oito mil seiscentos e oitenta pacientes psiquiátricos internados em um hospital americano, o Agnews State Hospital. Descobriu um fato surpreendente e no mínimo curioso: um grande número de pacientes psicóticos sofrerá o primeiro surto ao atingir a idade que o pai ou mãe tinham quando morreram ou foram internados em hospital psiquiátrico. Simultaneamente, o filho do paciente tinha a mesma idade em que ele mesmo perdera seus pais.

Como resultado da pesquisa Hilgard publicou um artigo em que apresenta um *número estatisticamente significativo* de pacientes nesta condição. Demonstra que uma crise psicótica no adulto pode ser a repetição de um trauma ocorrido na infância e denominou este

fenômeno de *Síndrome de Aniversário:* a repetição de eventos, como casamentos, nascimentos, mortes, falências, acidentes e cirurgias na vida de pessoas de uma mesma família nas mesmas datas ou idades que outros membros da família, da geração atual ou passada.

A síndrome de aniversário foi mencionada posteriormente, em 1988, por Rupert Sheldrake, quando falou sobre a presença do passado em nossas vidas e foi pesquisada com profundidade por Schutzemberger em 1991. Ela, a princípio procurou enumerar casos de repetição de doença gravíssima

na mesma família com pessoas na mesma idade, na mesma posição familiar, na mesma data e no mesmo contexto de vida. No entanto a comunidade científica rejeitou sua hipótese da repetição dos eventos familiares em decorrência da transmissão de algo não-material por atribuir o fenômeno à predisposição genética e considerou a pesquisa irrelevante. Ela então pesquisou acidentes com membros de uma mesma família em datas coincidentes, atravessando uma, duas, três ou mais gerações e assim como Hilgard encontrou um número de repetições que *estatisticamente* não poderia ser atribuído ao acaso. Demonstrou que o fenômeno acontece.

O inconsciente familiar parece providenciar o entrelaçamento dos vínculos entre as gerações através da repetição dos fatos relevantes em datas, situações ou idades coincidentes. Talvez para que os mortos não se deixem esquecer, para que eventos importantes na família sejam sempre lembrados através da repetição dos destinos, das datas ou das idades.

Minha avó materna costumava dizer que não gostava dos anos terminados com número seis: uma filha morreu aos dois anos e oito meses de idade em 1926; a filha mais velha morreu tragicamente aos dezesseis anos de idade em 1936; a segunda filha, em 2006; sua neta, minha irmã, sofreu terrível acidente de carro e quase morreu em 1986; seu genro morreu subitamente em 1996; meu avô morreu em 1956, e ela mesma morreu em... 1986. Muitos desastres, doenças graves e separações em minha família ocorreram em anos terminados com número seis.

A síndrome de aniversário delimita uma zona temporal de perigo para a família, um *período de fragilização* durante o qual as pessoas ficam mais vulneráveis às repetições dos acontecimentos nefastos. Algumas pessoas sentem-se inexplicavelmente mais ansiosas ou tristes em determinado período do ano, ano após ano, sem conseguir identificar a causa deste mal estar que pode estar relacionado a um evento ocorrido em sua família muito tempo atrás.

Quando se faz uma pesquisa genealógica resumida se descobre com frequência que naquela data aconteceu algo dramático como a morte de um parente ou outro acontecimento triste. A pessoa mais sensível consegue captar a dor e a tristeza envolvidas na situação. A identificação da síndrome de aniversário possibilita mais cuidado e proteção durante o período de fragilização, evitando muitas vezes novas situações dolorosas para os membros da família.

Ana vai se submeter a uma cirurgia que está marcada para o dia 15 de maio e procura ajuda, pois embora seja uma pessoa forte e corajosa, à medida que se aproxima o dia da cirurgia fica inexplicavelmente mais ansiosa e apreensiva, mesmo se tratando de um procedimento simples. Porque Ana está tão aflita? Pesquisamos o genossociograma de sua família e descobrimos que muitos parentes próximos morreram no dia 15 de maio, em anos diferentes e que isto vem ocorrendo a partir do assassinato de um familiar ocorrido dezenas

de anos atrás, naquela mesma data e ela não sabia. Não seria mais prudente mudar a data da cirurgia? Quando Ana modifica a data sente imediatamente um grande alívio.

Quando passamos a considerar o fator transgeracional aumentamos as chances de evitar desastres praticamente em andamento. Felizmente não são apenas as tragédias que se repetem nas famílias: a síndrome de aniversário refere-se também a eventos felizes, como nascimentos, formaturas, casamentos, ganho de grandes fortunas. Sem qualquer conotação de superstição mas de lógica, podem ser datas propícias para realizações com desfecho favorável.

Vejamos alguns exemplos extraídos da História[36] e de pessoas que acompanhei no consultório.

O rei Felipe IV da França, conhecido como Felipe, o Belo ou Rei de Ferro, no século XIV perseguiu implacavelmente os membros da Ordem dos Templários, os massacrou e condenou à morte na fogueira seu líder, o Grão-Mestre Jacques de Molay, um ancião, o que aconteceu no ano de 1314. Amarrado à fogueira, queimando e sufocando, Jacques de Molay profere antes de morrer, uma maldição contra as três pessoas que o condenaram: o rei Felipe, o Papa Clemente e o cavalheiro Guilherme de Nogaret, secretário do rei: "*Rei Felipe, Papa Clemente, Nogaretü Eu vos intimo a comparecer perante o tribunal de Deus antes de decorrido um ano, para receber vosso justo castigo! Malditos! Malditos sejam até a décima terceira geração de vossas descendências!*"

No decorrer daquele mesmo ano morreram os três amaldiçoados, um por um, de causas diversas. O primogênito e sucessor do Rei Felipe, Luís X foi assassinado apenas um ano depois da morte do pai deixando a esposa grávida. O bebê, seu filho, neto de Felipe IV, segundo historiadores foi assassinado durante o próprio batizado. Os outros dois filhos do rei Felipe, que também chegaram a ser coroados reis da França, o seguiram na morte em pouco tempo e desconfia-se que foram assassinados.

Acompanhando a história da família observa-se que seus descendentes morreram tragicamente, repetindo o destino dos antepassados, um a um. E finalmente o rei Luís XVI, durante a Revolução Francesa, ficou na mesma prisão em que Jacques de Molay estivera 460 anos antes e saiu de lá pela mesma porta para ser guilhotinado. E ele era o décimo terceiro descendente de Felipe IV.

Isabel, rainha da Inglaterra, única filha do Rei Felipe IV, descobriu que suas cunhadas Margarida (20 anos) e Branca (16 anos) estavam traindo os respectivos maridos com dois irmãos, jovens cavalheiros da corte. Ela denunciou a todos e o resultado foi uma catástrofe sangrenta: os rapazes foram torturados, executados e esquartejados em público e diante de Isabel, da corte e das suas amantes, as princesas, que se encontravam amarradas e expostas numa carroça. Durante a execução dos rapazes Margarida, desesperada amaldiçoou Isabel aos gritos, desejando-lhe um destino semelhante ao seu.

As princesas adúlteras foram aprisionadas pelo resto de suas vidas. Margarida foi estrangulada na prisão menos de um ano depois e Branca morreu presa antes de completar trinta anos de idade.

O tempo passou. Depois de vinte anos de um casamento infeliz a Rainha Isabel, já viúva, vê o amante, Lorde Mortimer, único amor de toda sua vida, ser torturado e executado em praça pública por ordem do rei da Inglaterra, filho dela, que depois a encerrou num castelo-prisão onde permaneceu confinada pelo resto da vida, que durou mais trinta anos.

---

36 Do livro Os Reis Malditos (Maurice Druon, 2004).

Estes são exemplos da repetição de datas e eventos bem como da força de uma maldição ou de uma palavra forte proferida na hora da morte, com a veemência da dor, do medo e da injustiça, extraídos da História.

Muitas pessoas que atendi no consultório me relataram suas histórias nas quais pude observar os mesmos fenômenos.

Joana é a mais velha de duas irmãs. Quando tinha cinco anos de idade sua mãe morreu de câncer, aos trinta e quatro anos. Joana, que também teve apenas duas filhas adoeceu de câncer aos trinta e três anos quando sua filha mais velha também tinha quase cinco anos. Joana repete o mesmo número de filhas, a mesma idade da mãe ao adoecer e depois morrer, e a idade da sua filha coincide com a que ela tinha ao perder a mãe. É o mesmo *script,* a mesma programação para repetir o destino da mãe e morrer jovem.

Será que apenas a genética explica este entrelaçamento?

Joana compreendeu sua conexão com a morte por lealdade ao destino da mãe. Compreendeu também que poderia modificar este roteiro e cuidou de reprogramar sua vida, fez projetos e lutou bravamente por sua saúde. O tumor regrediu, depois desapareceu e ela permanece saudável após onze anos.

Mariana vem ao consultório muito ansiosa e decidida a separar-se do marido com data marcada: o mês de julho seguinte. Embora as razões para a separação não estejam muito claras para ela, o que mais chamou a minha atenção foi a insistência da paciente naquela data. Quando lhe pergunto, não porque vai separar-se, mas porque vai separar-se *em julho,* ela não sabe responder, e diz que não havia pensado nisto. Elaboramos um genossociograma que nos mostrou que tanto sua mãe como sua avó materna também haviam separado de seus maridos num mês de julho e que, curiosamente, aconteciam frequentes separações na família, de primas e tias, neste mês. Ao pesquisar a história da família, Mariana descobriu que sua bisavó materna ainda muito jovem perdera o marido, assassinado num mês de julho.

Estas mulheres estariam sendo leais à antepassada que não pudera ter continuado casada, que havia perdido o marido de forma trágica? Por esta razão elas não teriam o direito de permanecerem com seus maridos?

Francisca me procura no consultório e faço o diagnóstico de depressão. Na sua história relata que o pai havia morrido subitamente, três anos antes. Seu irmão mais velho e o segundo irmão morreram nos dois anos que se seguiram à morte do pai, no mesmo dia e no mesmo mês, em acidentes distintos. A família ficou devastada. Os tios, irmãos de seu pai, perderam um filho cada, num total de quatro, no mesmo período do ano, em anos diferentes, em acidentes diferentes, incluindo naufrágio. São muitas mortes. São muitos jovens de uma mesma família perdendo a vida como que amaldiçoados de forma inexorável.

Este caso ainda está em pesquisa e estudo conjunto com a cliente.

Talvez algo na história da família numa geração mais longínqua, possa esclarecer o mistério destas mortes. Seria lealdade invisível a um antepassado? Existiria uma injustiça cometida por alguém de outra geração na origem de tudo isto? Alguém ou algo que foi esquecido necessita ser lembrado? Como se acessa o inconsciente familiar até alcançar ante-passados de três, quatro ou mais gerações? Memória celular? Campos morfogenéticos? Por que um membro da família carrega o problema e outro, não?

São muitas questões e bem poucas respostas. Por enquanto nenhuma explicação

satisfaz a Ciência. Talvez o progresso na física quântica, nas neurociências e em outros campos do conhecimento científico possa nos trazer a elucidação destes fenômenos, que hoje nos parecem tão misteriosos.

Para aqueles que têm curiosidade a respeito de sua família é interessante conhecer a grande árvore genealógica, o mapa da história familiar, acrescentar a ela as datas, os eventos, as idades em que ocorreram e observar as repetições de nascimentos, casamentos, mortes, separações, acidentes, número de filhos, profissões, heranças etc. A partir destes dados podem descobrir as *coincidências* que costumam ocorrer na sua família e conhecer as possibilidades de repetições na sua própria vida.

6. Neurose de classe

Os fenômenos que envolvem a mudança de classe social podem estar na gênese de certos conflitos psicológicos, diz Gaujélac, muito embora Freud tenha utilizado o termo *neurose* para referir-se aos conflitos cuja etiologia estaria relacionada à sexualidade e às relações entre pai e mãe na primeira infância.

> A neurose de classe é uma noção que pode parecer ambígua. Cada classe social produz um tipo de 'neurose' particular? Não. Mas eu vejo com frequência que alguns de meus pacientes têm o sentimento de que seus conflitos psicológicos estão ligados à sua situação social, em particular à mudança de classe social.[37]

O conflito pode ser originário de um impasse importante entre a origem social e aquela que se deseja, entre a identidade herdada e a identidade adquirida.

Crianças muito pequenas vêm os pais de forma idealizada, fortes e dominantes e ser filho destas poderosas criaturas lhes traz o sentimento de serem o centro do mundo o que é a base mais precoce da autoestima. Na primeira infância eles são tudo para ela. Porém, mais tarde ela aprende a interpretar expressões, olhares, tons de voz e a comparar. Uma criança cujos pais têm profissões consideradas mais humildes pela sociedade, como operário e empregada doméstica e que têm a oportunidade de observar a interação entre eles e os patrões e os vê sendo humilhados ou dominados, tem aquela imagem dos pais fortes e poderosos, despedaçada.

Ao crescer, quando adolescente, se encontra preso no meio de uma grande contradição, tão forte que de qualquer maneira que conduza sua vida ele tem a sensação de trair os pais. Esta contradição tem lugar no próprio projeto que os pais fizeram para ele, que é justamente através da ascensão social poupá-lo da mesma humilhação que eles sofreram ao longo da vida.

Vamos examinar o exemplo de Francisco, filho de um pedreiro que nunca estudou e mal sabe assinar o nome. Ele conta que seu pai dizia sempre duas coisas: por um lado que "os patrões são todos um bando de exploradores safados e ambiciosos"; mas, por outro lado o pai não queria que seu filho tivesse esta "vida de cachorro" e que deveria estudar bastante para não se tornar um pedreiro como ele e sim um homem rico. Ora, para Francisco ser rico significa ser explorador, safado e ambicioso, no mau sentido, o que seu pai sempre

[37] Vincent de Gaujélac. Entrevista à *Nouvelle Clés,* 2006.

condenou. Como pode agora desejar isto para ele? Como resolver este impasse existencial?

A *neurose de classe* é uma forma de lealdade familiar invisível em que alguém promove um boicote ao próprio progresso para não trair suas origens e não ultrapassar seus pais ou irmãos em termos de ascensão pessoal, profissional, financeira ou social. Este boicote pode ocorrer com mais frequência do que imaginamos quando, por exemplo, o indivíduo vai prestar exames para algum concurso importante ou fazer uma entrevista decisiva para um cargo superior e adoece ou acidenta-se na véspera, esquece os documentos necessários, apaga da memória o que estudou, o pneu do carro estoura na hora final, acorda tarde ou diz na entrevista uma porção de bobagens inexplicáveis até mesmo para ele. Ele nunca obtém aprovação no vestibular quando seus pais não são formados, nem na pós-graduação, quando ninguém é pós-graduado, nem consegue um bom emprego quando ninguém conseguiu isto na família. Enfim, inconscientemente faz qualquer coisa para não que não dê certo, para não conseguir. Pode até enriquecer, mas jamais será feliz porque a família é pobre, mesmo que os ajude financeiramente e se deixe explorar por eles.

Maria Júlia nasceu no interior do Estado e é a filha caçula de uma prole de oito filhos. Seus pais eram agricultores e embora pobres decidiram atender o pedido da filha mais nova que desejava ser médica e ajudá-la, pagando seus estudos. Ela foi enviada para a capital a fim de preparar-se para prestar o exame vestibular para a Faculdade de Medicina, às custas de muito sacrifício para toda a família, que alugou uma pequena casa para ela e supriam suas necessidades com o trabalho na lavoura.

Maria Júlia fez vários vestibulares até conseguir finalmente ser aprovada e admitida na faculdade. No penúltimo ano do curso começou a ser sistematicamente reprovada numa determinada matéria, embora se sentisse preparada para as provas. Não conseguia compreender a razão pela qual não se saía bem. Após a terceira reprovação já estava quase desistindo de continuar o curso e procurou ajuda profissional. Desenvolvera uma ansiedade bastante severa e já apresentava sinais de depressão.

Durante o processo terapêutico o dilema ficou claro: caso concluísse a faculdade seria a única pessoa da família a ter curso superior o que a elevaria culturalmente e socialmente acima dos seus familiares. Por outro lado, se não o fizesse teria traído o esforço familiar despendido para alçá-la àquela posição. Tratava-se de um impasse existencial.

Para Maria Júlia e outras pessoas a mudança para um nível cultural, social ou financeiro superior ao da família é inconscientemente vivenciado como traição ao grupo familiar e desencadeia um medo igualmente inconsciente de perder o lugar na família.

Helena, uma mulher de trinta e poucos anos também nasceu numa pequena cidade do interior, onde sequer havia escola. Saiu de casa muito cedo, após a morte da mãe, para estudar e trabalhar. Embora não tenha cursado nenhuma faculdade, trabalhou muito e sozinha criou uma empresa que prosperou e lhe proporciona condições para viver com bastante conforto. Seus irmãos permaneceram no interior e continuaram a viver pobremente. Quando Helena se estabeleceu e progrediu passou a ajudá-los de tal maneira que atualmente todos vivem sem atribulações financeiras.

Curiosamente, ela passou a apresentar depressões recorrentes e não podia usufruir do seu sucesso devido a um sentimento de culpa aparentemente inexplicável. Tinha uma sensação de ter abandonado sua mãe e seu pai já falecidos. Ela de fato abandonou o sofrimento da família na pobreza, mas, lealmente passou a sofrer de outra maneira para manter a consigna de pertinência: "Nesta família sofremos".

Geraldo, um jovem inteligente, solteiro e mantido pelos pais abandonou a faculdade

pela metade, para grande desgosto destes. Acontece que seu pai muitos anos antes também havia desistido de concluir o mesmo curso, no mesmo período, pois não lhe era possível dar conta dos estudos e do sustento da família ao mesmo tempo. Pai e filho abandonaram o curso em épocas diferentes faltando apenas um ano para a graduação.

Mas como Geraldo poderia levar a cabo um projeto tão desejado por seu pai, que não pôde concluí-lo, sem sentir-se traidor?

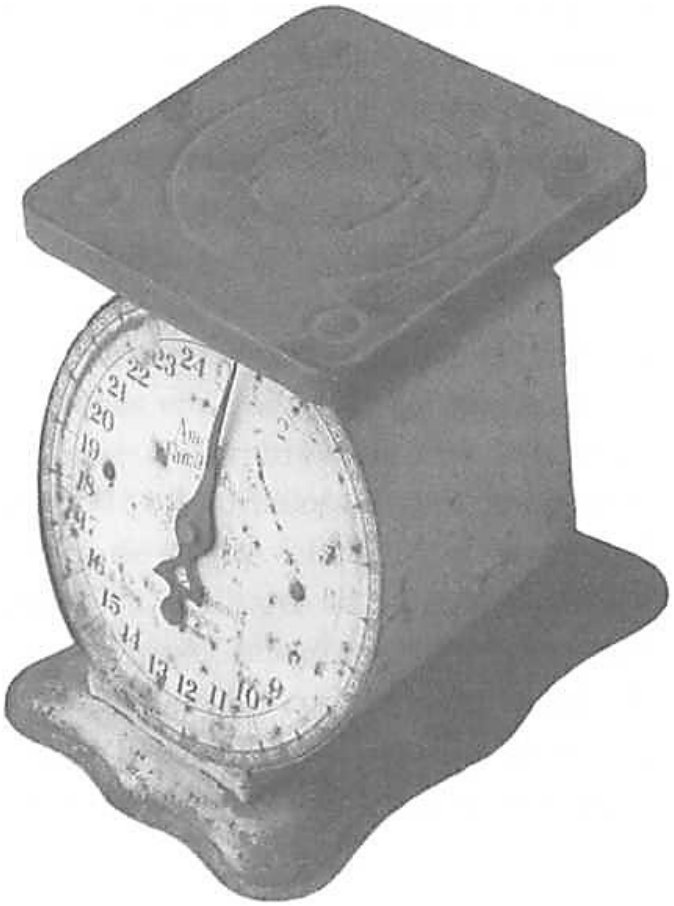
Leila Ali, filha do famoso boxeador Mohammed Ali, uma bem sucedida proprietária de salão de beleza em Nova Iorque, resolveu vendê-lo de uma hora para outra, e inexplicavelmente se lançou no boxe profissional feminino, decidindo contra todas as expectativas de possibilidade de sucesso, seguir os passos de seu pai.

São situações em que o indivíduo pode experimentar um profundo medo inconsciente de deixar de pertencer, de ser desleal, de trair, de tornar-se um pária em relação à própria família. Pode haver uma sensação de injustiça existencial: "Como posso ter sucesso se meus pais (ou irmãos) não podem?". "Como posso me elevar acima de meus pais?".

O fracasso em muitos casos pode ser o único passaporte para a pertinência, a única demonstração possível de lealdade e amor à família.

Justiça Familiar

Basta que tu olhes com teus
próprios olhos para contemplares o
castigo dos injustos.
Salmo 91





7. Contabilidade familiar

Os conceitos de lealdade e justiça aqui abordados descrevem posturas e situações peculiares a certas dinâmicas intrafamiliares.

Justiça é um marco conceituai importante para a compreensão dos vínculos de lealdade numa família e estabelece o clima emocional dos sistemas relacionais.[38] O sentimento do dever e das obrigações para com a família acompanhado de suas consequentes *ações* favorece a prevalência da justiça nas relações familiares, embora não se possam definir objetivamente estas obrigações, que dependem de cada grupo familiar e de suas regras.

As famílias possuem uma espécie de *livro de contas* ou livro de justiças e injustiças em que estão contabilizados os débitos e os créditos dos seus membros em nível vertical (ao longo das gerações) e em nível horizontal (entre os membros da família atual). O livro de contas é fator condicionante da qualidade das inter-relações familiares ao longo das gerações e do comportamento individual de cada membro do grupo. Quando o balanço entre as dívidas contraídas e os créditos está equilibrado existe justiça no seio da família, as pessoas estão em relação de afeto e solidariedade, auxiliam-se reciprocamente e prevalece a harmonia.

As contas familiares podem ser adquiridas tanto na geração atual quanto em gerações anteriores e dependem dos compromissos de lealdade dos membros do grupo familiar. E o que seriam tais contas?

Vamos imaginar uma família em que a mãe morreu cedo deixando muitos filhos pequenos e o pai casou novamente com uma mulher que passou a maltratá-los. Depois de muito sofrimento o irmão mais velho, ao alcançar a maioridade, sai da casa paterna e vai trabalhar para prover o próprio sustento. Tão logo consegue uma situação melhor leva dois irmãos para morar com ele, a fim de protegê-los da madrasta. O pai, demissionário do papel parental, entrega os filhos sem objeções. Em seguida o rapaz leva mais um e depois outro e outro, até que finalmente todos os irmãos ficam sob seus cuidados e ele precisa trabalhar arduamente para sustentá-los e pagar seus estudos. Isto lhe custa muito, mas ao final de alguns anos todos os irmãos haviam estudado e concluído um curso superior, exceto ele mesmo que estava sempre ocupado demais trabalhando e não podia estudar. Ele não cobra nada e sequer menciona a questão, pois sua atitude foi completamente desinteressada e amorosa. Porém foi *gerada uma dívida* importante na família e esta geração jamais poderá compensar o irmão pelo enorme benefício que lhes proporcionou: uma boa vida às custas da sua própria. A dívida será arquivada no livro de contas da família e talvez a compensação necessária fique a cargo de outras gerações, que podem passar a sentir uma irresistível necessidade de ajudar ou de sustentar parentes, como uma maneira inconsciente de equilibrar a balança de débitos e créditos da família e obter uma espécie de justiça. A outra dívida foi contraída pela madrasta que não honrou a primeira esposa de seu marido e não cuidou dos filhos daquela cuja morte possibilitou seu casamento. Com frequência observa-se que os filhos do segundo matrimônio não têm uma vida fácil, como uma possível forma de reparação pelos danos causados aos meios-irmãos. Há ainda a injustiça

[38] Boszormenyi-Nagy 1994.

cometida pelo pai que abandonou os filhos duas vezes: deixando-os inicialmente à mercê da maldade da segunda esposa e depois os entregando ao filho mais velho, quando este não passava de um rapazinho.

A injustiça familiar se traduz em padrões de conduta como exploração, abandono, abuso, vingança, traição, roubo de herança, ou assassinato. Nem sempre a injustiça é assim tão evidente: frequentemente tem origem em fatos simples cujas consequências são repassadas de geração a geração. Tanto pode ser um fato relevante como alguém que tenha se apossado criminosamente da herança dos irmãos, como pode ser algo aparentemente trivial como alguém que tenha ficado com o medalhão da avó, sem ter direito a ele. As injustiças intrafamiliares também podem assumir formas muito graves, como veremos a seguir.

8. Parentificação

A maior dívida de lealdade de uma pessoa é para com seus pais que a criaram, trabalharam para ela, lhe dedicaram suas vidas, seus cuidados e abdicaram de muitos confortos em prol de seu bem-estar, de maneira amorosa e confiável. Não é dívida com culpa nem patologia de sentimentos, mas uma dívida existencial decorrente de haver recebido cuidados de *maneira confiável,* que decorre de uma lei natural segundo a qual os pais são os protetores e os filhos, protegidos. Esta dívida se quita devolvendo aos próprios filhos (ou a outras pessoas) aquilo que se recebeu dos pais e cuidando destes quando estão idosos. A inversão de papéis entre os pais e seus filhos pequenos ou muito jovens foi denominada *parentificação* por Boszormenyi-Nagy. Trata-se de uma troca de papéis injusta, pois o filho ainda jovem e sem condição emocional, psicológica e financeira, assume o papel de cuidador de seus pais. Não se trata aqui de dispensar cuidados aos pais idosos ou necessitados quando se é adulto, mas de bancar pai ou mãe quando se é ainda muito jovem e desprotegido.

Pode acontecer que o pai ou a mãe abandone o lar, ou adoeça, ou se torne alcoólatra e o filho então, passa a cuidar dele ou dela, da casa e às vezes até dos irmãos. Tratado de maneira injusta, não pode viver sua vida e transforma-se em bode expiatório do sistema. Esta distorção na relação entre pais e filhos pode também se apresentar mascarada quando, por exemplo, os pais insistem com seu filho para que se comporte como um gênio, a fim de que realizem suas próprias fantasias em detrimento da felicidade dele. Outra distorção ocorre nas famílias em que os pais se tornam "amiguinhos" dos filhos e procuram estabelecer uma simetria na relação, que nunca deveria ocorrer. São falsamente joviais e conversam com os filhos como se fossem todos da mesma faixa de idade e não de gerações diferentes, com papéis diferentes. Não cobram de- veres e não fiscalizam seu comportamento. São mães ou pais que acompanham seus filhos em noitadas, comportam-se inadequadamente como adolescentes, paqueram juntos, bebem juntos e não raro se drogam juntos. São pais demissionários, às vezes bem intencionados ou simplesmente negligentes e equivocados na busca de uma aproximação maior com os filhos. Na verdade não estão exercendo seus papéis parentais e não tomam decisões que envolvem assuntos importantes da vida dos filhos em momentos cruciais, deixando-os desamparados, numa orfandade existencial.

Nos casos mais graves, em famílias caóticas com protagonistas explícitos do caos: psicóticos, adictos, delinquentes, suicidas, observa-se que geralmente emerge um filho

sadio, certinho e precoce, para complementar o papel do outro, o doente designado. Aquele, assim como este, não realizará sua vida a não ser que seja liberado do papel de contrapeso da balança da família. Geralmente são indivíduos que fazem parte de famílias com dívidas difíceis de saldar ou injustiças difíceis de reparar e que sentem não ter o direito de viver em paz e com liberdade.

Para que a ordem prevaleça no sistema familiar os pais devem permanecer nos papéis parentais de cuidadores e provedores amorosos, sempre de prontidão para atender às necessidades reais dos filhos e corresponder às suas expectativas naturais enquanto eles forem pequenos e indefesos. À medida que crescem, na adolescência entram em contato com os limites dados pelos pais e amadurecem através dos confrontos que os fortalecem e os preparam para a vida. Pouco a pouco os pais auxiliam seus filhos a se independerem, se diferenciarem e finalmente, na vida adulta, a se libertarem para suas próprias decisões e para tomarem posse das suas responsabilidades no mundo. Só então a missão dos pais foi cumprida.

9. Os excluídos

A mais desastrosa forma de injustiça na família consiste na *exclusão* de um membro pelos demais. É possível excluir alguém das mais diversas maneiras, porém a mais comum é o mero esquecimento, pois traduz uma forma de desprezo. Pode ser alguém a quem não se tenha dado a importância devida, como nas famílias matriarcais nas quais o pai, suplantado pela esposa, não foi respeitado em vida e é esquecido depois de morto. Pode ser aquela pessoa que fez tudo pelos familiares e não foi homenageada por isto ou a criança que morreu ao nascer e da qual ninguém lembra, ou ainda a criança abortada voluntariamente e varrida para o fundo do inconsciente dos pais.

Existem situações difíceis em que alguém envergonhou a família com a humilhação pública por prisão e crimes, ou involuntariamente, apenas por sofrer de doenças socialmente estigmatizadas. Antigamente, ser portador de tuberculose ou hanseníase era motivo de muita vergonha para as famílias, que tratavam de esconder seus doentes. Nos dias de hoje existe a AIDS, a dependência química, o alcoolismo, a pedofilia e as doenças mentais em geral. E destas pessoas quase não se fala, principalmente após sua morte.

São particularmente importantes os casos de exclusão em que alguém se sacrificou *voluntária ou involuntariamente* pela família como, por exemplo, as mulheres que morrem no parto e depois são esquecidas. Geram na família uma culpa tão devastadora que as pessoas não conseguem lidar com o fato, esquecem a morta e não lhe prestam qualquer homenagem.

A injustiça cometida contra um membro da família requer uma reparação que lhe faça justiça para reorganizar o sistema. Os injustiçados se fazem lembrar através da repetição de destinos trágicos, eventos de vida, dinâmicas pessoais, nomes e datas na família, como nascimentos, casamentos, mortes e acidentes.

Apresento em seguida um exemplo de situação em que a injustiça cometida contra um membro da família trouxe consequências letais para as gerações subsequentes, (fig 2)

Trabalhei com uma colega[39] o caso de Fernando, empresário, casado, com filhos e que aos cinquenta e nove anos de idade apresentou câncer de pulmão. Sua mãe e seu pai haviam falecido em decorrência de câncer pulmonar ao completarem sessenta anos de idade. Elaboramos o genossociograma e verificamos a existência de numerosos casos de morte por câncer pulmonar na família de sua mãe: além dela mesma, morreram seus dois irmãos aos sessenta anos de idade. A única irmã da mãe estava com câncer na mesma época em que Fernando enfrentava sua doença.

Curiosamente o pai de Fernando, que não tinha vínculo de consanguinidade com a esposa, seus tios e tias *afins* também morreram da mesma forma e na mesma idade. Quem entrava naquela família compartilhava o mesmo destino. Havia casos de primos jovens com tuberculose pulmonar e um caso de morte por tiro acidental no peito. O alvo era sempre o mesmo.

Quando analisamos a história dos avós foi esclarecida uma questão que permanecera oculta da família por cerca de cem anos. O avô materno do paciente morrera de tuberculose pulmonar aos sessenta anos de idade. Ele fora um bom pai e marido e trabalhara arduamente durante toda a vida a fim de proporcionar conforto e tranquilidade para os seus familiares, deixando-lhes uma fortuna, da qual ele mesmo não pôde usufruir. Por tratar-se de uma doença estigmatizada na época o pobre homem foi isolado dos familiares e amigos. Sua esposa o abandonou por completo, assim como os filhos (muito jovens) que deixaram de visitá-lo.

Ele deixou um diário em ficou registrado seu sofrimento, solidão e desespero. Num dos últimos escritos, já próximo da morte, despede-se da família e diz: "Meus filhos e netos ficarão comigo na lembrança, na angústia e na agonia". Sem querer, em meio à dor e ao desamparo, ele talvez tenha aprisionado a família ao próprio destino, formara a ponte com as gerações posteriores para que reparassem a injustiça que lhe fora feita. E para que fosse lembrado, a família foi sistematicamente alvejada no peito até que alguém recordasse da sua existência e tomasse conhecimento do seu destino, até que alguém o reverenciasse devidamente e restaurasse seu lugar de honra na família.

A solução foi encontrada por meio de uma carta escrita por um membro da família, enviada a todos os outros, contando a história daquele a quem tantos deviam sua boa vida, que morrera sozinho e fora completamente esquecido. Os familiares puderam finalmente agradecer-lhe, homenageá-lo e acolhê-lo em seus corações. Devo dizer que Fernando ficou curado, bem como a tia que também já apresentava câncer.

O próximo caso descreve uma solução mais rápida encontrada pelas pessoas da mesma geração, detendo um processo que como o anterior poderia trazer muito sofrimento para as gerações vindouras.

Susana, uma moça de trinta anos de idade, apresentou durante anos episódios semi-psicóticos de tonalidade depressiva, sensação de incapacidade intelectual e de fracasso. Terceira filha entre nove irmãos era tratada pelos familiares como "meio doente e meio retardada, coitadinha" e necessitava ficar permanentemente sob a proteção da mãe viúva. Abandonara os estudos aos dezoito anos de idade e trabalhava como balconista na farmácia da família. Veio para consulta após uma tentativa de suicídio. Os irmãos haviam concluído curso superior, eram casados e bem sucedidos profissionalmente. Todos tinham uma boa vida e consideravam-se realizados, porém Susana era doente, infeliz e fracassada. Era

39 Elisa Penaforte, psiquiatra e psicoterapeuta de adultos e casais.

claramente dissonante que todos estivessem bem e ela, não. Qual a explicação?

Durante o processo terapêutico Susana lembrou que antes de morrer, o pai já bastante doente lhe pedira para olhar por sua mãe. Ela era apenas uma criança na época, apreendeu o pedido angustiado do pai moribundo ao pé da letra e assumiu como seu o encargo de cuidar da mãe, por lealdade a ambos. A forma que encontrou para fazê-lo foi abdicando da própria vida e adoecendo para fazer companhia à mãe.

O plano terapêutico de Susana incluiu sessões com a participação dos familiares com o objetivo de:

- Distribuir com todos os membros da família o problema que estava concentrado em uma única pessoa e desfazer o esquema de bode expiatório;
- Favorecer a compreensão da responsabilidade de cada um no processo que Susana vivenciava;
- Redimensionar os papéis desempenhados pelos membros da família de maneira mais equânime;
- Promover alterações funcionais na estrutura do grupo o que consequentemente acarretaria mudanças positivas na dinâmica da família.

A família pôde compreender tanto seu próprio *modus operandis* como o sacrifício de Susana e aceitou as modificações propostas, movida pelo sentimento de amor e por um legítimo desejo de compensação. Susana aceitou o direito de ter sua vida de volta e dispor dela como desejasse. Precisou aprender outras maneiras de ser leal à família, voltou a estudar, concluiu um curso universitário e ficou bem. Os irmãos passaram a olhar mais para seus próprios problemas ao invés de fiscalizá-la e se revezaram nos cuidados com a mãe. A justiça foi restabelecida no sistema familiar, o desejo do pai foi atendido e a família se reorganizou de maneira mais saudável sem o sacrifício de ninguém.

Estes são exemplos de injustiças familiares em que as soluções encontradas levaram a um desfecho bom. Mas é preciso lembrar que os casos em que não há reparação ou compensação trazem consequências gravíssimas.

10. A *Maldição* dos Kennedy

Há décadas se fala e se escreve sobre a maldição da família Kennedy, sempre em destaque na mídia devido a algum escândalo ou evento dramático. A palavra maldição em inglês, *curse,* deriva de uma palavra anglo-saxônica que quer dizer "ira" ou a "ira de Deus". Na mitologia Grega a maldição familiar significa uma punição infligida por um deus aos descendentes de alguém que o tenha ofendido. De acordo com o mito, a maldição tem raízes no passado, mas determina o futuro de membros da família atingida, com poder para abolir sua autonomia individual convertendo-os em meros veículos para sua manifestação. O mito grego da maldição familiar ilustra o conceito de justiça e injustiça que vimos neste capítulo e enfatiza a necessidade da expiação sem a qual *algo* segue atingindo implacavelmente as gerações seguintes.

Algumas famílias parecem sofrer uma cota maior de tragédias, porém poucas em escala semelhante à dos Kennedy em que nenhuma geração foi poupada até hoje. Existe uma sequência de acontecimentos terríveis nesta família como casamentos desfeitos,

doenças fatais, mutilações, alcoolismo, abuso de drogas, suicídio, desastres, assassinatos e outras perdas.

O casal Rose e Joseph Kennedy, oriundo de poderosas famílias de políticos norte-americanos, teve nove filhos, dentre eles o presidente John F. Kennedy. A arrogância e a ambição do chefe do clã, Joseph, são lendárias e sempre se especulou a respeito dos meios nem sempre lícitos por meio dos quais construiu seu império. Ora, acontece que a terceira criança a nascer, Rosemary, apresentava um leve retardo mental, ou segundo outras fontes, dislexia, o que não a impedia de ser uma criança calma e feliz. O pai não a suportava devido à vergonha e ao desconforto social que a presença da filha lhe causava. Procurou isolá-la o quanto pôde e quando ela completou vinte e três anos de idade em 1941, ele ordenou, escondido da esposa, que lhe fizessem uma lobotomia[40]. O resultado da cirurgia foi um desastre e aquela moça anteriormente doce e feliz ficou profunda e irremediavelmente retardada e seu pai então, decidiu interná-la num asilo aos 29 anos de idade, onde ela permaneceu até o fim dos seus dias.

É um exemplo dramático de injustiça, abuso e exclusão perpetrado por um pai contra sua filha indefesa. Quando Joseph Kennedy destruiu sua filha deu partida numa engrenagem que mobilizou um mortífero processo compensatório no sistema familiar.

Se, como vimos, o sistema busca sempre reparação e justiça para os maltratados e excluídos, o que poderia compensar tamanho horror? Algo tão destrutivo e de tal magnitude que atravessa o tempo e segue vitimando membros de todas as gerações da família até os dias de hoje. A partir da desgraça de Rosemary as tragédias se abateram sobre aquela família.

O patriarca, Joseph Kennedy teve cinco filhos destruídos:

- O *primogênito*[41], Joe Jr., em quem o pai depositava a esperança de tornar presidente dos Estados Unidos, morreu num *acidente aéreo,* durante a II Guerra Mundial, *aos 29 anos de idade.*
- O segundo filho, John Kennedy, presidente dos EUA, foi *assassinado* em 1963, aos 46 anos (no mesmo dia da morte de seu bisavô, 22 de novembro).
- A segunda filha, Kathleen, morreu em *acidente de avião aos 28 anos* (como seu irmão mais velho, Joe).
- O terceiro filho do sexo masculino, Robert (Bob) Kennedy, outra esperança e já quase em campanha, foi *assassinado* em 1968, aos 42 anos.
- O quarto e *último filho do sexo masculino* de Joe Kennedy, Edward, retornava de uma festa em companhia de sua assistente quando seu carro despencou dentro de um lago. A moça foi encontrada morta no interior do carro e especula-se que ele não tenha tentado resgatá-la. A carreira política de Ted não resistiu ao escândalo.

Os filhos de John Kennedy:

- O *primogênito,* Patrick, nasceu prematuro e morreu três meses antes do assassinato de seu pai.

---

40 Procedimento cirúrgico cerebral em que se seccionam vias que conectam o lobo frontal ao tálamo ou outras regiões, com a finalidade de controlar pacientes violentos. Não é mais utilizada como no passado e continua controverso até hoje.

41 Destaquei as principais coincidências.

- O filho sobrevivente, John Jr., morreu em *acidente de avião aos 38 anos de idade,* exatamente trinta anos depois do acidente do tio Ted.

Os filhos de Bob Kennedy:

- Joseph envolveu-se em um acidente que resultou numa *vitima paralítica* para o resto da vida, a *namorada de David,* seu irmão.
- *David morreu* de overdose, pouco tempo depois.
- Michael morreu em *acidente de esqui aos 38 anos,* mesma idade de John Jr. ao morrer.

Os filhos de Edward:

- Edward Jr. teve câncer e sofreu *amputação da perna* (a namorada de David ficara paralítica).
- Patrick foi internado por dependência a cocaína.

O sobrinho de Ted foi acusado de estupro e absolvido em 1991.

Não foram computados os divórcios, os casos de alcoolismo, internações de outros membros da família por dependência de drogas, outros acidentes de menor porte, escândalos envolvendo adultério.

Sob a ótica do fator transgeracional observamos nesta família uma sincronia de eventos que envolvem débitos por saldar, um segredo familiar com consequências terríveis, uma história de exclusão que desencadeia o mecanismo compensatório da injustiça, fatal para os membros do sistema familiar, lealdades invisíveis com repetição de destinos difíceis, síndromes aniversárias com mortes nas mesmas idades e acidentes com desfechos semelhantes.

11. Filhos substitutos

O nascimento de uma criança logo após a morte de um filho, de outro parente querido ou na data de aniversário da morte destes ocorre com frequência nas famílias. Em meio aos sentimentos de dor e luto pela perda de um ente querido, um nascimento pode ser um evento feliz, motivo de renovação e regozijo. A criança que nasce sob tais circunstancias, que vem trazer superação da dor para a família, restauração da força e da união no grupo familiar, é um filho de reparação. São crianças bem vindas, recebidas com alegria e criadas com amor e costumam ter uma boa vida.

Porém nem sempre as coisas se passam desta maneira. Quando o nascimento tem, no inconsciente familiar, o objetivo de substituir um morto, estas crianças são *filhos substitutos (les enfants de remplacement)* e nada de bom pode advir desta situação, pois nascer no lugar de alguém é complicado.

Eles são como usurpadores que estão ocupando o lugar de outra pessoa. Enlutada, a família não se preparou para recebê-los e a mãe, em profunda depressão - a *mãe morta* (conceito de André Green para a mãe enlutada e deprimida) - por não conseguir superar a

perda, não tinha disponibilidade de afetos e cuidados para aquele filho.[42]

Estas crianças de substituição, que às vezes até recebem o nome do morto, não possuem espaço existencial, crescem sem lugar próprio na família e desenvolvem uma estranha sensação *não sentida* de não pertencer a lugar algum. Na vida adulta provavelmente terão dificuldades em ocupar seu lugar no mundo, não se sentem à vontade dentro da própria pele e permanecem perdidas em si mesmas. São geralmente pessoas excessivamente calmas, tristes, solitárias, com certa rigidez de postura e mental, seu discurso é monocórdio, quase soporífero, recheado de frases como: "Tenho a sensação de ser duas pessoas"; "digo e faço coisas às vezes que nada têm a ver comigo"; "tenho a impressão de não estar vivendo minha vida"; "parece que tenho duas personalidades". Costumam apresentar problemas de relacionamento interpessoal, casamentos tumultuados e rupturas, numa busca incessante por algo que as preencha. Este vazio, no entanto é existencial. O que parece ser uma busca por novidades, trata-se na verdade da procura pelo seu lugar e por pilares que lhe deem sustentação na vida. Profissionalmente estão sempre inquietos, têm sérias dificuldades de se fixar numa profissão, vivem mudando de emprego e não apresentam rendimento compatível com sua capacidade. No discurso costumam fazer referência a uma sensação de não conseguir se encontrar na vida.

Naturalmente que outras condições físicas, psicológicas e socioculturais podem responder por um quadro semelhante. Portadores de TDAH[43], considerado um dos mais genéticos transtornos em Medicina, experimentam emoções e dificuldades de vida muito semelhantes. No Transtorno Bipolar é possível haver períodos em que o indivíduo apresente estes traços, tanto na fase eufórica como na fase depressiva. Na Depressão, que é uma doença sistêmica, estes sintomas estão presentes na maioria dos casos. Embora a comorbidade seja sempre uma possibilidade importante, a posição de filho substituto precisa ser identificada, independente de haver ou não uma patologia envolvida. O filho substituto é aquele indivíduo que nasceu após uma morte não elaborada pela família.

A situação pode ser infinitamente mais difícil quando não se fala sobre aquele que morreu, quando aquela morte permanece envolta em mistério, sussurros ou silêncio. Isto pode acontecer porque a mãe não suporta a lembrança da perda dolorosa, cala-se e a família acata a decisão de esquecer para não sofrer. O silêncio constrói um segredo e o morto é abandonado por sua família que já não pode falar nele. Assim como seu substituto, ele também fica sem lugar no sistema familiar e muitas vezes o substituto sequer tem conhecimento da sua existência. Neste caso, além de tudo, instala-se na família uma injustiça por exclusão do morto e os problemas se emaranham.

José um homem de cerca de sessenta anos, casado, pai de três filhos, comerciante, sofre de ansiedade e depressão desde que se recorda. Relata, na primeira entrevista, que faz tratamentos psicológicos e psiquiátricos há mais de trinta anos, incluindo uso constante de medicamentos. Ele não tem descanso, não sente melhora, não tem paz e diz que não lembra a última vez em que se sentiu realmente bem. Sua história de vida aparentemente não tem nada grave, e clinicamente não há porque não responder aos esquemas medicamentosos. Investiguei por vários caminhos e em vários níveis, analisei os tratamentos realizados e nada parecia justificar tal quadro. Depressão refratária? Como considero o fator transgeracional em minha prática clínica, em situações como esta posso formular a hipótese de algum bloqueio advindo de pressões sistêmicas familiares desta ou de outras gerações: uma lealdade invisível, um emaranhamento, uma substituição ou outra situação desta

[42] Schutzemberger, 1997.

43 Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade/ Impulsividade.

natureza.

Perguntei-lhe se a mãe havia perdido um filho antes de seu nascimento e como ele não sabia solicitei que obtivesse aquela informação. Ao retornar para a consulta seguinte José confirma que havia uma criança morta no parto, o primeiro filho, e que ele nascera cerca de um ano depois, recebendo o mesmo nome que o irmãozinho. Ninguém na família tinha conhecimento deste fato, pois sua mãe jamais o mencionara embora tenha sofrido por muito tempo na época. Ela engravidou em seguida.

Havia uma "mãe morta" e um filho morto de quem não se falava. A mãe estava presa com o filho morto, este não estava liberado para ocupar seu devido lugar na família, e o substituto (o paciente) não tinha seu próprio lugar. Havia um vácuo no sistema familiar que ninguém podia ocupar. Lá só havia dor e escuridão. Quando José nasceu não havia lugar para ele no coração da mãe nem na família. Ela inconscientemente queria que ele fosse o filho falecido, deu a José o mesmo nome e ele, sem êxito, tentava ocupar aquele lugar que não era seu. José era um *filho substituto,* não tinha pertinência na família e quem não tem lugar na família, não tem lugar no mundo. Como poderia sentir-se bem se tentou a vida inteira ocupar o lugar de um morto? O que fazer por José? Intuitivamente, sugeri que ele conversasse com sua mãe já idosa e gravemente doente, sobre o irmão que morrera ao nascer. Falar sobre o filho poderia ajudá-la a libertar-se da dor e seria um ato de justiça para com o morto. Cabia ao paciente trazer o irmão de volta para a família, incluindo-o nela e liberando assim o seu próprio lugar. Ambos teriam finalmente seus devidos lugares: a criança morta, como o filho mais velho; José

como o segundo filho.

José foi embora com sua tarefa para cumprir e não retornou. Tempos depois recebo seu telefonema dizendo que estava extraordinariamente bem. Havia conversado com sua mãe sobre o irmãozinho. A mãe, por alguma razão sentia-se responsável pela morte do filho e jamais havia conseguido perdoar-se. Foi tudo muito triste e doloroso, mas conclusivo. Combinaram que ele levaria flores ao túmulo do pequeno em nome dela, que estava à morte com câncer e em seu próprio nome, o que ele fez. José sentiu alívio e o peso que carregava a vida toda se desfez como por encanto. O sofrimento de sua mãe acabou e ela, finalmente liberada para partir, morreu serenamente e em paz. José vem retirando gradativamente os medicamentos.

Este caso envolve um filho substituto, um segredo de família e injustiça familiar. Um morto influenciando o presente do vivo e transmitindo-lhe sua carga dolorosa.

Árvores e constelações

A pergunta é: como chegar a uma verdade envolta em trevas?

Bert Hellinger





12. Genograma e variações

Por Luana de Alencar Araripe Andrade

O genograma é a representação gráfica de uma família por meio da qual se busca construir uma árvore genealógica[44] com no mínimo três gerações presentes, possibilitando a identificação da dinâmica familiar, o modo como as pessoas se relacionam, além das informações médicas e psicossociais. Foi inicialmente desenvolvido com base nas teorias sistêmicas de terapia familiar e permite uma visão global da estrutura da família e dos seus modelos de funcionamento numa perspectiva tanto cronológica quanto dinâmica. E um instrumento de fácil construção e interpretação na medida em que resume os principais problemas sociais, biológicos e de relações interpessoais numa família. Tem o efeito visual de um gráfico o que facilita a observação rápida e abrangente do contexto familiar.

A partir do conceito de genograma outras adaptações foram feitas, dentre elas o *genossociograma* e o *genoprofissiograma.* O primeiro foi desenvolvido pelo professor Henri Collomb que se propõe a descobrir de maneira mais profunda os entrelaçamentos afetivos e os fatores históricos, as repetições, os aniversários, os "não ditos" presentes nas árvores genealógicas voltando às vezes até a sétima geração. O *genoprofissiograma* foi criado por Dulce Helena Soares e Annelyse Bonneaud e tem como objetivo identificar as profissões presentes na árvore genealógica até a terceira geração.

Genossociograma

O genossociograma é uma árvore genealógica que inclui os eventos de vida marcantes da família e pode ser utilizado como material de apoio ao diagnóstico quando é necessário conhecer o contexto global do indivíduo, a árvore emocional de sua família, sua história social e os acontecimentos significativos. Informações importantes são obtidas, tais como pontos vulneráveis, experiências traumatizantes, modos de reagir, preconceitos, proximidade ou afastamento das relações, repetição dos esquemas, das atitudes e das crenças do sistema familiar.

O genossociograma deve ser realizado quando existem resistências no processo terapêutico que não podem ser explicadas por dificuldades teóricas, técnicas e existenciais do terapeuta nem por questões aparentes do indivíduo. Os dados importantes que estão faltando para compreender melhor o sistema familiar podem estar em outra geração. Podem ser segredos, não-ditos, lealdades ocultas, injustiças ou traições não reparadas, mortos que foram excluídos ou até um impensado devastador que segue ceifando vidas, desviando destinos e trazendo sempre muito sofrimento para os descendentes. Os emaranhamentos que entravam o progresso e a vida do indivíduo precisam vir à luz para que se possa restaurar a ordem no sistema e trazer a paz.

Como fazer um genossociograma

Para elaborar um genossociograma necessita-se de mais tempo do que uma sessão de

[44] Árvore Genealógica é um histórico de parte dos ancestrais de um indivíduo. É a representação gráfica de sua família com o objetivo de mostrar suas origens e suas conexões familiares.

psicoterapia uma vez que é necessário auxiliar o indivíduo a adentrar um campo não-local ao qual ele está inconscientemente conectado. Trata-se do co- inconsciente familiar ou consciência de clã. Todos nós guardamos, além da memória celular e genética da espécie humana, os arquivos contendo nossa história familiar. Esta zona de sombra vai sendo iluminada à medida que entramos na história da nossa família e prosseguimos abrindo caminho para o co-inconsciente familiar que apenas nós podemos acessar.

O indivíduo que pesquisa os elementos para a construção do seu genossociograma necessita ser instigado a vasculhar o fundo do baú da saga familiar, a despertar lembranças adormecidas, frases há muito escutadas, cenas relegadas ao esquecimento por serem aparentemente sem importância, flashes que o fazem voltar sobre seus passos. Precisa reviver climas emocionais e lembrar. Lembrar algo de que não participou com seu corpo, mas de alguma outra maneira, como parte integrante daquele todo que é seu sistema familiar. Ao recuar no tempo e tomar-se criança novamente ele adquire o poder de alcançar o não-local onde estão armazenadas as informações de que necessita e lembrar. As crianças sempre captam o que acontece ao seu redor, não se pode esconder delas a verdade.

A pesquisa

À medida que recolhe os dados o pesquisador do genossociograma inicialmente faz anotações numa grande folha de papel e vai desenhando uma árvore genealógica à qual acrescenta as informações que surgem sobre os membros da família, aleatoriamente e sem julgamento do que é ou não relevante, o que será selecionado numa etapa posterior.

Este é um roteiro adaptado dos principais dados a serem pesquisados para facilitar a elaboração do mapa familiar[45].

Os nomes e sobrenomes

- escolha dos nomes (as esperanças), repetições
- quem deu o nome (poder e controle)
- utilização ou não de sobrenome.

Os irmãos

- posicionamento de cada um na família (1º, 2º, 3º,...)
- natimortos, abortos e tipo de aborto e sua posição na família.

Os pais

- se estão vivos
- a situação do casal, se estão juntos ou divorciados e a causa da separação
- com que idade morreram e causa da morte
- se foram casados antes e o que aconteceu com o cônjuge anterior
- se tiveram algum relacionamento importante antes do casamento e o que aconteceu com esta pessoa.
- **Os tios,** seus filhos e suas histórias mais importantes.
- **Os avós**
- se estão vivos ou mortos, de que morreram e com que idade

45 **Bélanger, R. Técnicas de Terapia Familiar, ano(?).**

- informações sobre parceiros anteriores dos avós
- que histórias sabe sobre os avós e bisavós. **Características** significativas de cada pessoa da família.

As relações: quem está próximo ou distante de quem e a razão.

As profissões: as repetições, quem escolhe, quem teve sucesso e quem não teve.

As crises familiares: mortes, acidentes, doenças, suicídios, crimes, ruína, divisão de herança, outros fatos importantes e como cada pessoa foi afetada. **Datas em geral,** de casamentos, separações, nascimentos, mortes e outros eventos importantes.

SINAIS GRÁFICOS (fig.l)

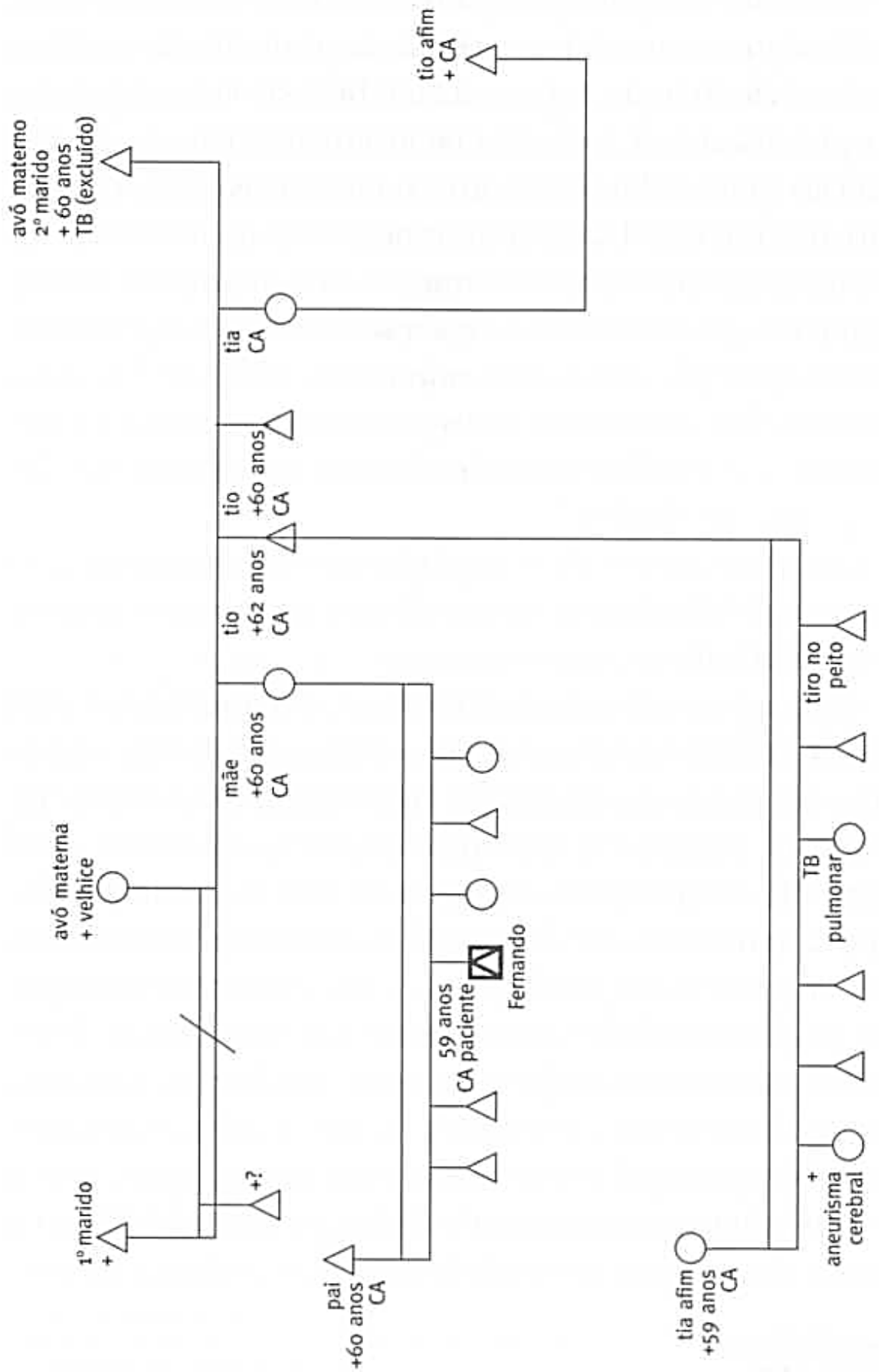


Utilizam-se alguns sinais gráficos (fig 1) para designar principalmente sexo, nascimento, morte e separação. Não há um consenso para estes sinais que variam de autor para autor. O que importa é que, ao olhar o mapa da família seja possível ver claramente como se estivessem fosforescentes, as informações relevantes para a compreensão da trajetória de vida do indivíduo. Para tanto se deve ficar atento às *coincidências* de datas, de causas das mortes, às datas aniversárias, às repetições de destinos, de nomes e de profissões e às aparentes injustiças que apontam para emaranhamentos, lealdades invisíveis, síndromes de aniversário e períodos de fragilização daquela família.

Desta forma talvez seja possível auxiliar aquela pessoa a desatar os nós que o atam a graves dificuldades e mesmo a destinos trágicos.

MODELO DE GENOSSOCIOGRAMA (fig. 2)

(Fernando)



Genoprofissiograma

A teia de relações que liga os membros de uma família acaba de alguma maneira se mostrando presente nas escolhas feitas ao longo da vida. É possível também se observar isto na esfera profissional. A maioria dos jovens não tem noção das influências que recebe de seu grupo familiar no momento da escolha profissional. Daí vem a importância de conhecer um pouco mais detalhadamente a história dos familiares, principalmente no que diz respeito à questão das escolhas profissionais para que após um exame minucioso, possam ficar mais conscientes das influências transgeracionais e escolher mais livremente sem precisar cumprir - inconscientemente - um legado que lhes foi destinado.

Um dos objetivos deste capítulo é apresentar ao leitor de forma mais detalhada a adaptação do genograma para a orientação profissional: o *genoprofissiograma.*

O genograma foi adaptado para a orientação profissional por Dulce Helena Soares e Annelyse Bonneaud (1995). Segundo elas, as teorias de orientação profissional mostram a importância de conhecer a dinâmica familiar e o contexto onde é construída. O genoprofissiograma foi desenvolvido por Soares-Lucchiari (1996) em sua tese de doutoramento intitulada: *Escolha Profissional: projeto dos pais - projeto dos adolescentes,* concluída na Universidade Louis Pasteur em Estrasburgo, França. Trata-se da representação gráfica de uma família com uma ênfase particular sobre as profissões das três últimas gerações. "Trabalha-se principalmente a dimensão vertical (pais, avós e bisavós) e a dimensão horizontal (irmãos, primos e tios)"[46], com o objetivo de conhecer a história das escolhas profissionais nesta família e seu peso para a escolha do jovem.

O genoprofissiograma é um instrumento de investigação valioso no trabalho do orientador profissional, pois traz à tona o histórico familiar profissional. Torna-se, porém incompleto quando aplicado isoladamente. Sua aplicação deve ser realizada individualmente, associada a uma entrevista clínica para tornar possível a investigação mais profunda da dinâmica familiar e das informações contidas no gráfico. A pesquisa por meio do genoprofissiograma deve focalizar a influência de certos membros da família sobre os outros, observar a repetição de acontecimentos, os sonhos não realizados e os desejos e expectativas familiares com relação à própria profissão e à dos outros membros da família.

Análise do genoprofissiograma

Para Soares deve-se pesquisar a estrutura familiar, os papéis, a interação entre os membros e as profissões; as repetições com foco nas profissões e nas características das pessoas para compreender suas escolhas; os modelos relacionais, o tipo de vínculo que estabelecem entre si os membros das três gerações, acrescidas das regras, mitos e valores familiares; e, finalmente, o lugar de cada um na filiação e do jovem que está sendo avaliado.[47]

Os pais desenvolvem expectativas e formulam projetos em relação à escolha profissional dos filhos. Mesmo quando não os expressam verbalmente isto certamente os influenciará uma vez que repassam quais as profissões que são consideradas dignas nessa família, o que é permitido e o que é esperado. Toda família traz consigo a história dos antepassados, os mitos familiares, os valores e os desejos secretos. A influência familiar na hora da escolha profissional muitas vezes é tão sutil que passa despercebida e os jovens acabam sendo induzidos a tentarem se realizar em atividades profissionais que seus pais

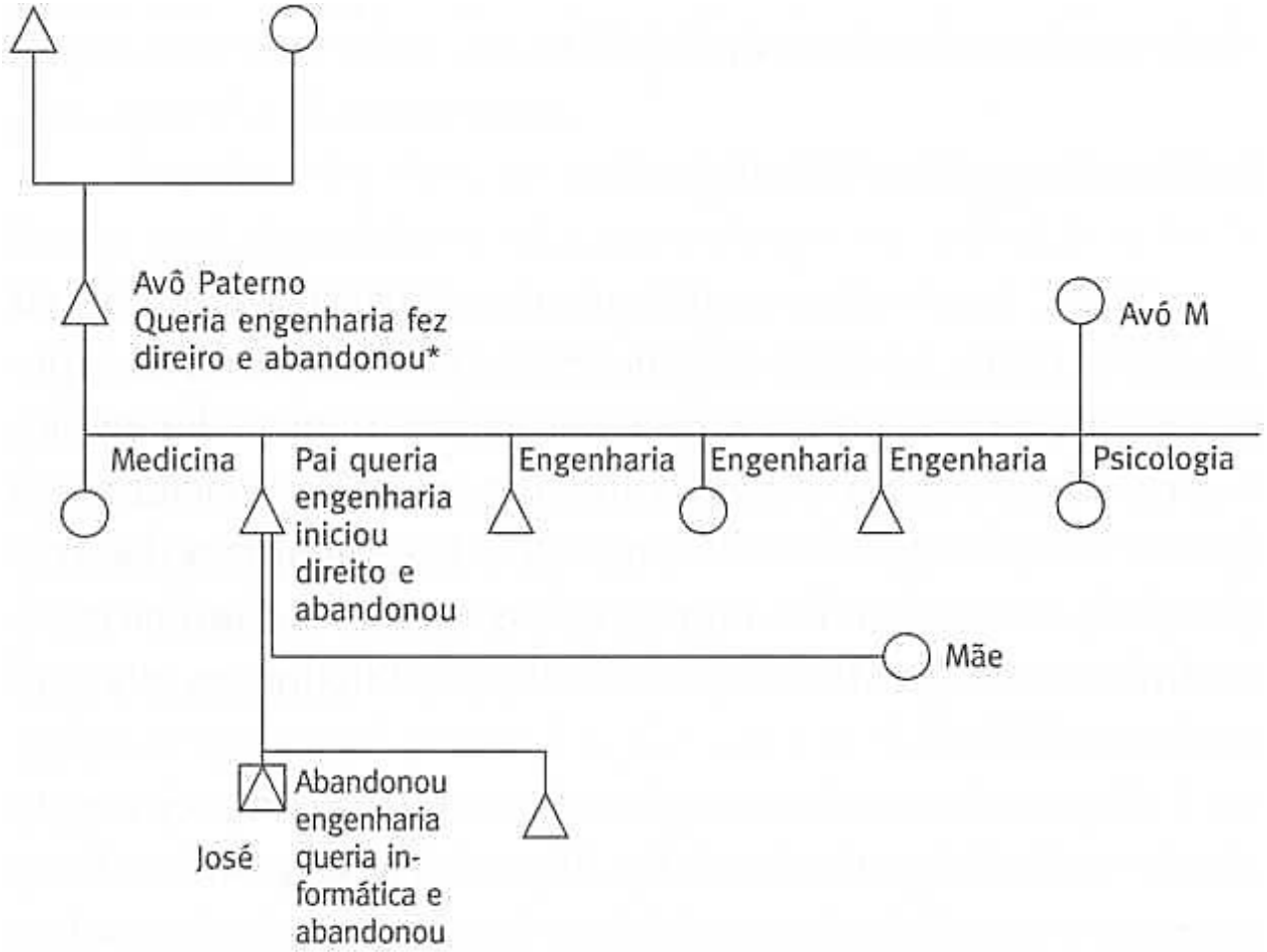
46 Soares, 1996
47 Em sua tese de doutoramento: Escolha Profissional: projeto dos pais - projeto dos adolescentes (1996).

por algum motivo não puderam fazê-lo. Funciona como uma lealdade invisível e atrapalha o jovem no momento de fazer sua real escolha.

MODELO DE GENOPROFISSIOGRAMA (fig.3) (José)

BAvô Paterno BAvó Paterna

Fez Direito Dona de casa



*Concluiu 20 anos depois por insistência de um amigo

Neste exemplo real, o bisavô paterno de José exigiu que o filho (avô de José) cursasse Direito, mesmo desejando Engenharia. Seu primeiro filho do sexo masculino (pai de José) também queria Engenharia, mas por lealdade ao pai entrou na Faculdade de Direito e abandonou. José queria informática, mas por lealdade aos antepassados (pai e avô), entrou na Engenharia, que logo abandonou. Depois prestou vestibular para Informática. Como seu pai não havia concluído nenhum curso, José também não concluiu o seu. Outros três tios de José cursaram Engenharia (pelo pai?).

13. Constelação familiar sistêmica

Bert Hellinger, terapeuta alemão, criou a Terapia Sistêmica Fenomenológica ou Constelação Familiar em que o trabalho a ser realizado requer por parte do terapeuta a exposição aos

fenômenos como se apresentam, sem escolhas, sem julgamentos e sem hipóteses diagnosticas ou psicodinâmicas.

Para ele os sistemas familiares estão submetidos às leis sistêmicas ou Ordens do Amor, poderosas forças dinâmicas que regem a distribuição de justiça e equidade na família, mediadas pela consciência de clã que estabelece as necessidades do sistema familiar. O respeito à Ordem está na base do equilíbrio, do bem estar e do progresso da família e permite que o amor possa estar presente nas relações de forma benéfica.

O método da Constelação Familiar vem sendo utilizado há mais de trinta anos por terapeutas das mais diversas escolas para restabelecer o equilíbrio nos sistemas familiares. Hellinger o tornou mundialmente conhecido, trabalhando com famílias, casais, doentes graves e pessoas com os mais diferentes problemas, em vários países, principalmente na Alemanha, Áustria, Suíça e Estados Unidos. Esteve algumas vezes no Brasil, onde realizou oficinas de Constelação Familiar promovendo a divulgação desta poderosa ferramenta a serviço do bem estar dos que sofrem com problemas que envolvem questões inter e transgeracionais.

O que é Constelação Familiar? E um método terapêutico em que se maneja as forças sistêmicas que envolvem e bloqueiam o indivíduo e sua família sem que esta última esteja fisicamente presente, mas representada por outras pessoas.

Seus principais objetivos são:

Identificar e desfazer emaranhamentos de pessoas da família com repetição de destinos trágicos de antepassados.

Incluir no sistema familiar os que foram excluídos, por qualquer que tenha sido o motivo.

Reorganizar a estrutura da família conduzindo cada membro ao seu devido lugar, de acordo com a hierarquia prescrita pela Ordem.

Honrar os pais e antepassados, homenagear os injustiçados e os que se sacrificaram pela família.

Transformar a cega lealdade infantil que leva à morte precoce, em força benéfica para o Sistema.

Utilizar a culpa de maneira positiva para regular a balança de débitos e créditos da família.

Redistribuir a justiça igualmente para vivos e mortos e restabelecer a Ordem do Amor no Sistema Familiar.

Como vimos em capítulos anteriores, estamos submetidos a forças que às vezes nos aprisionam a destinos que não são os nossos e às repetições fatídicas de eventos aniversários. Vimos também que ao elaborar o genossociograma muitas coisas que ignorávamos a respeito de nossa família como que saltam na nossa frente e ficam claras. O que fazer com tais dados? O método da Constelação Familiar vem cada vez mais se firmando como uma resposta consistente a antigas questões. Seu manejo permite que lealdades antigas e geradoras de sofrimento possam ser transformadas, promovendo a libertação, às vezes, de várias gerações.

Como é realizada uma Constelação Familiar?

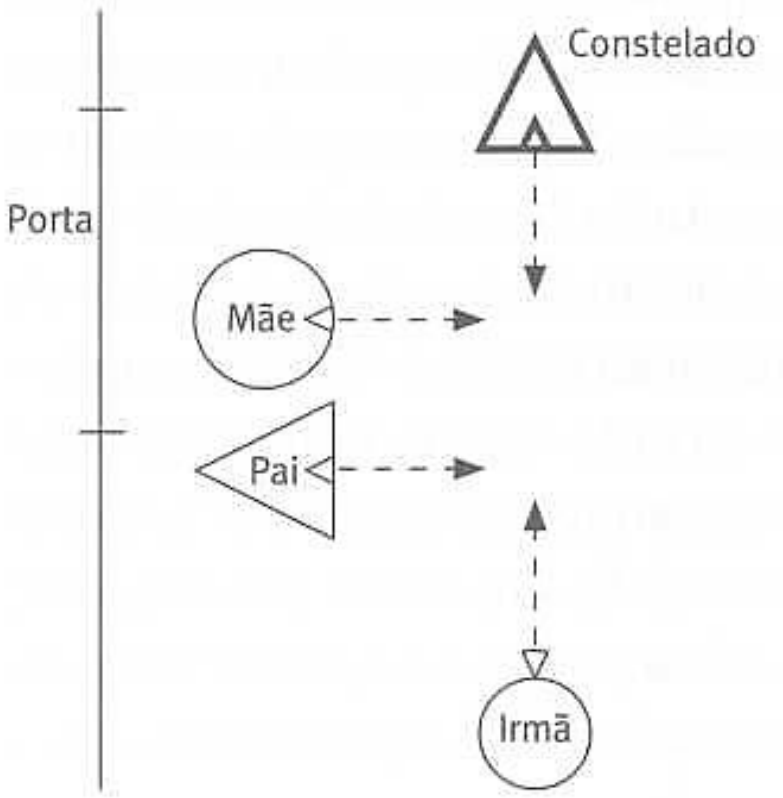
Geralmente as constelações são realizadas em grupo e ao contrário das demais terapias, por tratar-se de um método fenomenológico, a anamnese deve ser a mais sucinta

possível, com pouquíssimas informações.

1- Qual o problema do participante?
2- Quem pertence ao Sistema Familiar?
3- Houve na família pessoas com destinos especiais como suicídios, assassinatos, doenças mentais, natimortos, abortos provocados?
4- Algum membro da família morreu precocemente?
5- Um dos pais ou avós teve um relacionamento importante com outra pessoa antes do casamento?
6- Alguém lucrou com o sofrimento de outra pessoa?

Colhidos estes dados o participante ou o indivíduo cuja constelação será realizada - o *constelado* - escolhe pessoas do grupo para representar membros de sua família - estes são os *representantes*. Esta escolha precisa ser aleatória, desconectada de planejamento, da tentativa de reproduzir antigas imagens da família ou de procurar alguém semelhante ao familiar a ser representado. A família de origem é geralmente a primeira escolha numa constelação. Um exemplo (fig. 4): o terapeuta pede ao *constelado* que escolha quatro pessoas para representar seu pai, sua mãe, sua irmã e ele mesmo. Depois de escolhê-las o *constelado* em silêncio, calmamente, conduz os representantes aos seus lugares e os posiciona em relação uns com os outros no espaço reservado para a constelação, de maneira que reproduzam a imagem da sua própria família internalizada.

EXEMPLO DE MONTAGEM DE UMA CONSTELAÇÃO (fig. 4)



É fundamental que durante a montagem o *constelado* siga seu movimento interior até sentir que o lugar para onde conduziu os representantes seja o correto. Assim, os

representantes passam a *ser* sua família. O *constelado* a princípio permanece sentado, observando. A partir deste momento têm início os fenômenos até agora inexplicáveis: os representantes dos familiares do *constelado* começam a sentir-se como as pessoas representadas, os verdadeiros membros da família. Passam a ter sensações estranhas a eles mesmos, dormências, dores, mal estar, inquietações, pensamentos que não reconhecem como seus, mas identificados com os do familiar representado (por acesso ao campo morfogenético?).

Numa constelação foi necessário colocar um familiar que não sabíamos quem era, mas que atraía fortemente olhar dos demais representantes. Eles olhavam para um morto que ninguém sabia de quem se tratava. Quando o representante deste parente morto começou a sentir forte gosto de sangue, "como se a boca estivesse cheia de sangue", o *constelado* subitamente lembrou de um tio que havia sido assassinado com um tiro no ouvido. O representante não tinha conhecimento do fato. Em outra constelação, uma mulher que representava a mãe da *constelada* parecia surda e não conseguia escutar o que lhe perguntavam, embora nunca tivesse tido problemas de audição. A representada realmente era surda e havia outros casos de surdez na família. Sua bisavó tinha o horrendo costume de punir os escravos decepando-lhes a orelha. Talvez o sistema estivesse em pleno processo reparatório. Um homem que representava o pai do *constelado,* em outra constelação, informou que se sentia muito alto e poderoso e até se esticava na ponta dos pés para demonstrar isto e o representado possuía estas características. Noutra situação a representante sentia dificuldade para respirar e a pessoa que ela representava sofria de doença pulmonar obstrutiva e assim por diante.

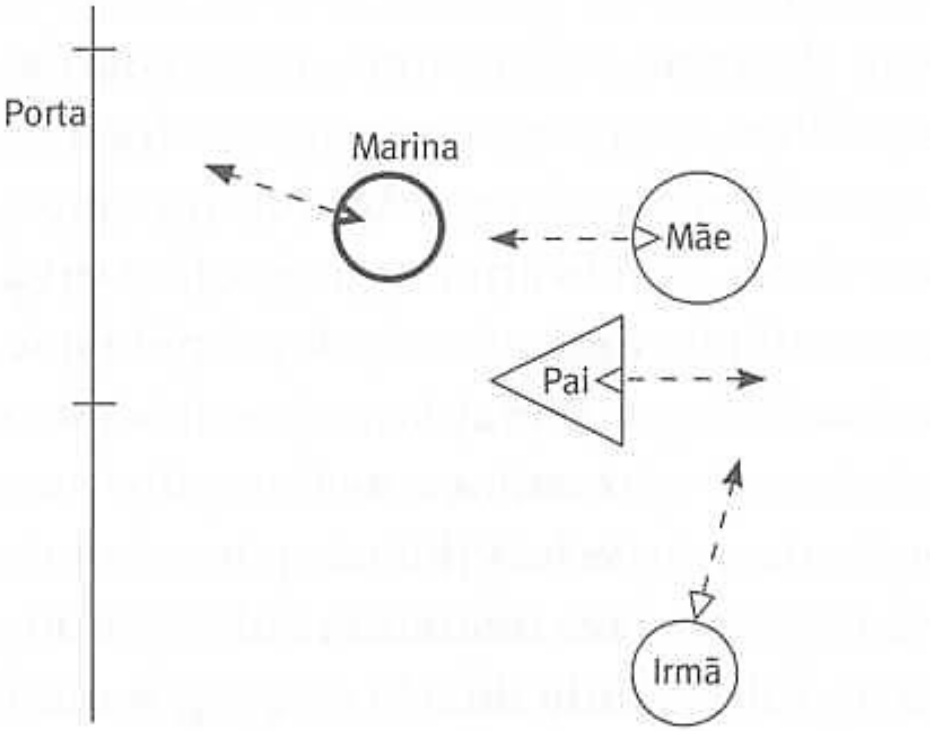
Após a montagem da constelação o *constelado* senta-se e apenas observa. Os representantes permanecem atentos si mesmos, a qualquer sinal de mudança que aconteça com eles, sensações, emoções ou pensamentos, e o terapeuta fica alerta apenas acompanhando o que acontece inicialmente sem intervir, aguardando o que vai ocorrer, sem pressuposições e sem pressa. Ele solicita aos representantes que informem o que está acontecendo com eles à medida que faz interferências no sistema ou apenas os observa pelo tempo que sentir necessário. Os representantes devem se distanciar de seus pensamentos e emoções e evitar a mistura dos seus conteúdos internos com os da pessoa representada. Isto requer disciplina e sensibilidade. O terapeuta permanece atento para detectar quando as fantasias dos representantes estão interferindo e sendo erroneamente interpretadas como as emoções e sensações dos representados. Tanto o terapeuta como os representantes podem evitar esta situação se tiverem poucas informações sobre a família. Quanto menos, melhor.

Marina uma moça de vinte e dois anos, universitária, solteira, caçula de duas filhas, mora com os pais e sofre ataques de pânico com agorafobia[48] e depressão durante anos. Em sua história há um dado significativo que é a tentativa de suicídio da mãe, uma mulher cronicamente deprimida que recusa tratamento. Marina fazia psicoterapia associada ao uso de medicação antidepressiva e apresentava melhora dos sintomas. No entanto sentia uma forte hostilidade para com os pais que não abrandava e apresentava tendência autodestrutiva mascarada por falta às aulas, perda de três empregos num curto período de tempo, pequenos e frequentes acidentes domésticos. A representante de Marina mostra o que ela não conseguia verbalizar: deseja partir, ir embora ou morrer. Na estrutura da família, pela direção do olhar dos representantes ou por algum outro sinal, percebe-se que há um morto excluído e Marina, neste momento, recorda que sua mãe perdeu um filho

[48] Medo patológico de afastar-se do lugar que considera seguro. Medo do desamparo.

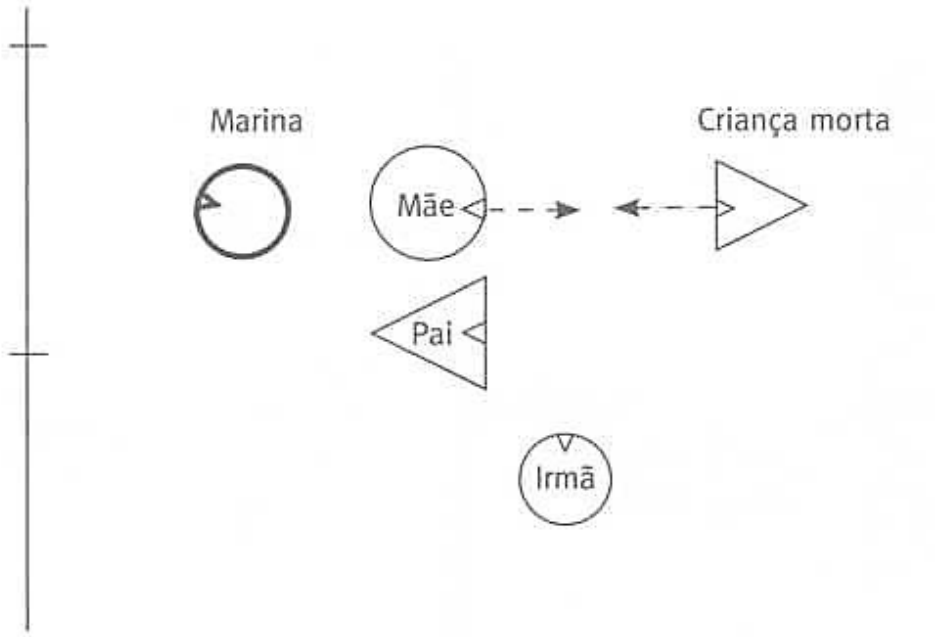
pequeno antes dela nascer, (fig. 5)

CONSTELAÇÃO DE MARINA 1º PASSO (fig. 5)



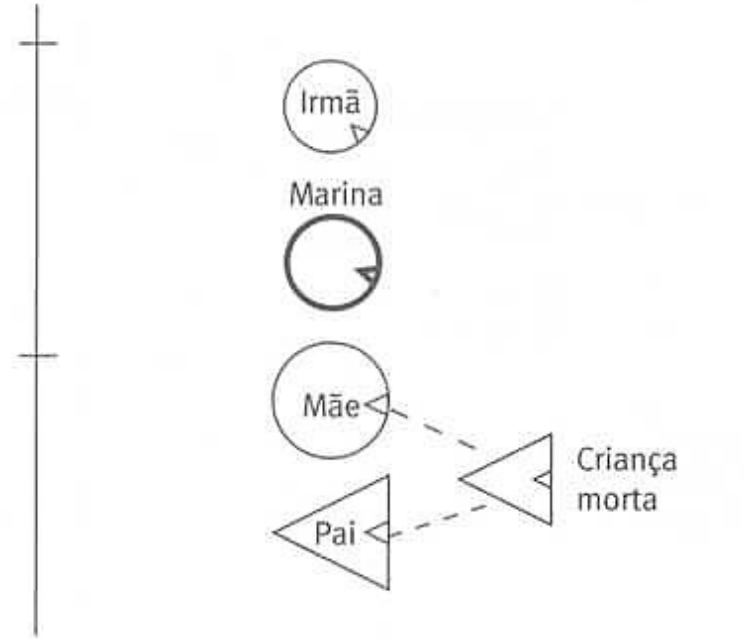
Ela diz que sua mãe não fala sobre o assunto porque acha que não é problema para ninguém. E evidente que a mãe não suporta falar sobre o fato do qual nunca se recuperou e a escultura da família mostra que a mãe, assim como Marina, também quer partir, o que já estava confirmado por sua tentativa de suicídio. A mãe contempla a morte. Nesta família existe uma pessoa com destino trágico - morte precoce - que deverá ser colocada na constelação para que se possa obter uma imagem das influências que sobrecarregam o sistema, tornando-as visíveis, sentidas e passíveis de serem modificadas. O filho morto deverá ser posicionado na constelação, representado por alguém do grupo e a situação da sua exclusão será manejada. Quando isto é feito a mãe volta-se para o filho e não olha para mais nada, exteriorizando uma dinâmica inconsciente que pode ser assim decodificada: "Eu sigo meu filhinho". (fig 6)

CONSTELAÇÃO DE MARINA 2º PASSO (fig. 6)



Marina, a filha sobrevivente, expressa de forma não- verbal: "Antes eu do que você, querida mamãe. Vou em seu lugar". Sua doença pode significar que ela intercepta a morte da mãe por amor e lealdade e se sacrifica por ela. A solução foi encontrada através da inclusão do irmão no sistema familiar, bem como a transformação da lealdade infantil, distorcida e letal de Marina para com a mãe em valorização da vida que dela recebeu, formando uma nova imagem em que todos ficaram bem. (fig. 7) Um fato curioso ocorreu imediatamente após esta constelação: a mãe, que não tinha conhecimento da realização da constelação, procurou a terapeuta de Marina, desesperada, dizendo que ia embora de casa, pois não suportava mais nada. Pediu ajuda finalmente e pôde ser socorrida a tempo.

CONSTELAÇÃO DE MARINA 3ª PASSO (fig. 7)

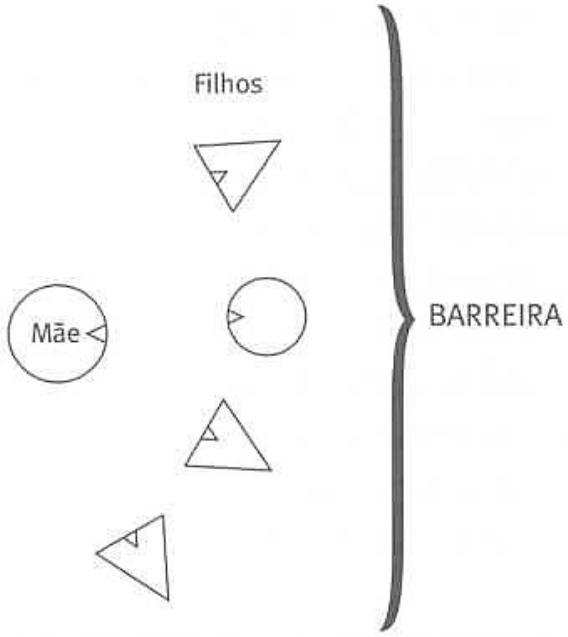


Em outro exemplo, quando uma mulher morreu por ocasião do parto, mesmo que isto

tenha ocorrido numa geração mais distante, a constelação deverá ter início a partir desta situação, uma vez que geralmente traz graves consequências para os descendentes. Em casos como este os representantes apresentam sinais de sofrimento intenso e reações emocionais fortes.

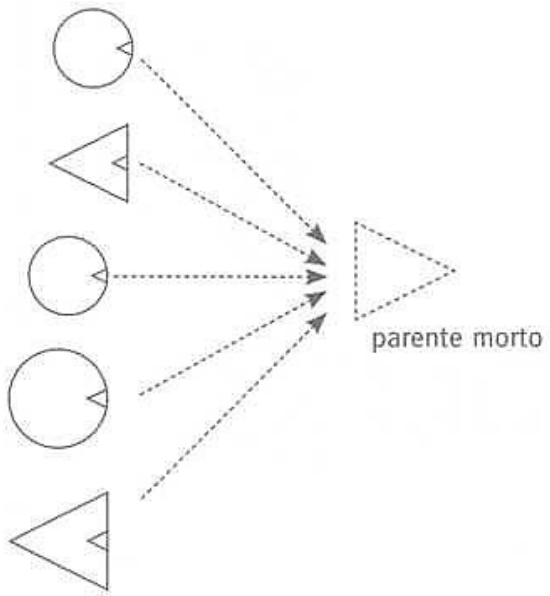
Podemos ver na figura 8 a formação da constelação que mostra a mãe ou o pai cercados pelos filhos e pode significar que estes estão bloqueando sua saída do sistema e impedindo sua partida.

CONSTELAÇÃO IMAGEM I (fig. 8)



Quando todos os representantes olham numa só direção talvez alguém esteja lá, diante deles: um membro da família que foi esquecido, excluído ou é ansiosamente procurado. (fig 9)

CONSTELAÇÃO IMAGEM II (fig. 9)



Cabe ao terapeuta incluí-lo na constelação e prosseguir buscando a melhor solução.

O terapeuta deve observar as reações de todos, calmamente, até que perceba qual a verdadeira situação e então se dirige à pessoa mais mobilizada e procura identificar pela simples observação ou com uma pergunta direta, o que acontece. Ele pode modificar sua posição e conferir o que este movimento desencadeou ou pode acrescentar alguém que estava faltando na constelação e novamente verificar o impacto que a mudança causou nos representantes.

Não há como desvendar o mistério que cerca os fenômenos que acontecem numa constelação familiar e Hellinger diz, sabiamente, que apenas utiliza o que lhe é oferecido para ajudar a quem precisa, sem nenhuma curiosidade de descobrir como ocorre. Assim ele descreve sua experiência durante um trabalho de Constelação.

> "Entrego-me à situação no escuro, sem saber o que se passa. A pergunta é: Como chegar a uma verdade envolta em trevas? Mergulho num campo fluido; torno-me parte dele e ele me ultrapassa. As coisas se movem nesse campo, algumas em direção a regiões iluminadas, revelando algo do que E. Fico na expectativa do que quer que possa acontecer-me. Eis uma imagem desse processo: tateio o caminho na escuridão até encontrar uma porta. Se encontro uma área de luz, tento descobrir o que está me iluminando com uma palavra plena e madura. Uma vez achada a palavra certa, aqueles a quem ela é dita apreendem-na num nível além do pensamento racional. A palavra certa os comove e os estimula, mesmo que não saibam como."[49]

O desenvolvimento de uma percepção aguçada torna o terapeuta apto a identificar o drama que se desenrola diante dele através dos representantes, a dizer a palavra certa para cada situação e a fazer o movimento certo com cada representante e com o *constelado.* A palavra certa e o movimento certo produzirão as modificações necessárias ao sistema. O que se pode inferir do comportamento dos representantes e, consequentemente, do comportamento e do destino dos verdadeiros membros da família, é que eles estão conectados a todos os demais membros do sistema familiar, inclusive aos ancestrais e que o destino destes influencia o daqueles. Hellinger postula que, mais que um campo de forças, há uma alma comum que faz a ligação entre os vivos e os mortos de uma mesma família. A Constelação Familiar leva o indivíduo ao antigo e ao novo, faz a conexão entre passado, presente e futuro e o expõe à Grande Alma[50] que possui as respostas. Integra-o a uma zona de forças atuantes: as Ordens do Amor e a consciência de clã que são voltadas para a manutenção da harmonia do sistema familiar e para o restabelecimento da justiça para os excluídos.

Ao concluir sua constelação o indivíduo tem uma visão mais abrangente dos emaranhamentos, das lealdades invisíveis e das pressões sistêmicas que o prendiam a situações difíceis. Ele pode enfim, lançar mão de sua descoberta como ponto de partida para uma reorganização de vida.

---

49 Hellinger, 1998, p. 11.

[50] Termo utilizado por Bert Hellinger: Grande Alma Suprema.

Bibliografia

ALENCAR ARARIPE, J.C. **Bárbara e a Saga da Heroína.** Rio-SP-Fortaleza: ABC Editora, 2006.

ANDRADE, Leda de Alencar Araripe. **Noções de Psicopatologia para Terapeutas:** *Aspectos da Intervenção Integra- tiva.* Fortaleza, 2002.

BÉLANGER, Robert. **Técnicas de terapia familiar,** (dados perdidos).

BONDER, Nilton. Portais secretos. Acessos arcaicos à Internet. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

BOSCOLO, Luigi et. al. *Terapia familiar sistêmica de Milan.* Buenos Aires: Amorrortu editores.

BOSZORMENYI-NAGY, I., SPARK, G. *Lealtades in- visibles.* Buenos Aires: Amorrortu, 1983.

HELLINGER, Bert e HOVEL G. **Constelações Familiares.** *O Reconhecimento das Ordens do Amor.* São Paulo: Ed. Cultrix, 1996.

----------A Simetria Oculta do Amor. São **Paulo: Ed. Cultrix, 1998.**

----------Ordens do Amor. Um guia para o trabalho com Constelações Familiares. ***São Paulo: Ed. Cultrix, 2002.***

----------Ordens de ajuda. Patos de Minas: **Atman, 2005.**

1.IMBER-BLACK, Evan. **Os Segredos na Família e na Terapia Familiar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

2.KLÜBER-ROSS, Elisabeth. O **Túnel e a Luz.** *Reflexões essenciais sobre a vida e a morte.* Campinas, SP: Versus Editora, 2003.

MOREIRA, Mário Santos. **Psiconeuroimunologia.** Rio de Janeiro: MEDSI Ed. Médica e Científica Ltda., 2003.

SHELDRAKE, Rupert. **O Renascimento da Natureza. São Paulo: Ed. Cultrix, 1993.**

SEIXAS, Maria Rita D'Angelo. **Sociodrama familiar sistêmico.** São Paulo: Aleph, 1992.

SCHUTZEMBERGER, A. A. **Meus Antepassados.** São Paulo: Paulus, 1997.

WILLIAMS, Antony. **Psicodrama estratégico.** A técnica apaixonada. Indivíduos, famílias e grupos. São Paulo: Agora, 1994.